

# RUA NOVA

43  
~~42~~

1926



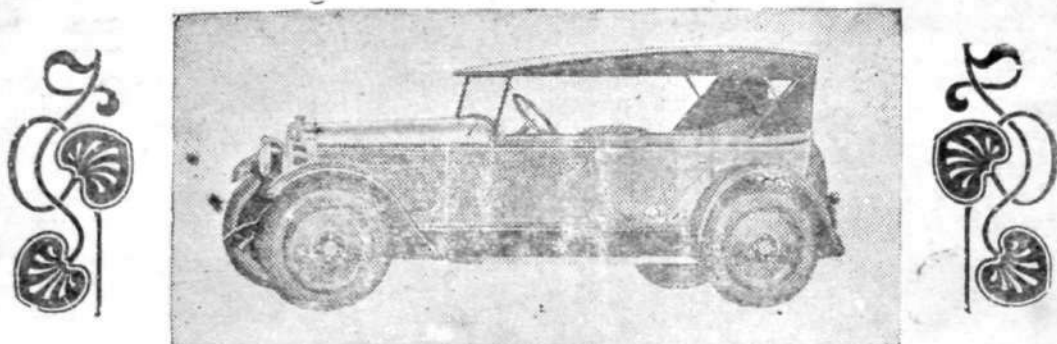
Ultimo alarma!

Preço 500 rs.

—

Numero 43

**N A S H**



**O melhor automovel**

Qualidade — Elegancia — Economia

—  
**Typo "ESPECIAL-SIX"** - Equipado com

rodas de arame ou discos

e pneumaticos **BALLOON**

**VENDAS A PRESTAÇÕES**

—————

**AGENTES EXCLUSIVOS**

**Companhia Commercial e  
Maritima**

240 — Rua do Bom Jesus — RECIFE

# MARTHA

Feia!

Coitada, era tão boazinha...

Carinhosa, tinha para a pobre mãe já velha, abnegação de cão fiel para seu dono.

Era boa. Bom coração, caridosa. Mas... coitada! Tão feia...

Feia!...

E haverá maior desgosto para a mulher do que ser julgada feia, especialmente por outra mulher?

E sendo moça, no pleno voejar da juventude, como era aquela desventurada?

Coitada! Fazia tanta pena...

Isso foi há muitos annos. Contou-me um preto velho da Catingueira.

Martha vivia reco'hida em sua casinha branca. Só possuía uma companheira:— sua tristeza. Depois, sua velha mãe. Uma, ás vezes a deixava. A outra não a deixava nunca.

Na villa era conhecida de todos por — Feia. A Feia. Já se sabia: — Martha!

Crianças, velhos, moços e moças, todos sentiam singular prazer em chamar-lhe assim.

Na sala, musstavam o apellido boccaíroniças, espiritos gracejadores cochichavam o nome fatal.

E assim chegou a ponto de não mais sair á rua, a pobre Martha, a Feia.

Trancou-se em si mesma, fechada, como num casulo, uma larva em metamorphose. E chorava sozinha. No desespero, lá, ás vezes, ao espelho mirava-se, remirava-se, a procurar a causa daquelle phobia toda do povo por elle. Então mirava-se, remirava-se. Dava expressões ao rosto. Mudava de posição. Via-se de perfil. Fixava bem os traços physionomicos com a acuidade, com a attenção com que um biologista trespira a bacteria fugitiva n'uma celula organica.

E, coisa singular! Achava-se bonita! Não. Não era feia, não. De certo andavam a exaggerar.

Mas feia do que ella, havia nas ruas do povoado. Até nomeava as que lhe pareciam mais feias: Anninha de d. Hindu', Sinhá da professora Gurgel, Cecilia, Quiminha, e outras...

Que a olhassem mais demoradamente. Que a vissem com olhos de sympathia. Não, não era assim, tão feia, minha gente.

O amor proprio a Iludia e Martha ficava mais tranquilla. Por vezes, depois dessas confidencias, adormecia, cansada de soffrer, exausta de chorar e soffrer...

Chegou afinal o dia da festa da padroeira do povoado. Entre a mocidade era grande a alegria. Animação em todas as almas. A natureza tambem se allára á festa, engrandecendo os campos, com as primeiras chuvas do inverno. E que alegria na alma ao ver-se o juvenil em flor, peireiros recedentes como buquês, as mães rijas, viridentes como esperanças...

As melindrosas do povoado com os seus namorados, riam, conversavam, a trocar esses futeis gracejos da mocidade enamorada e feliz.

Nos seus melhores fatos, os rapazes faziam galanteios, pagavam bilhetinhos de rifa nús barruquinhas da festa e caiam todos na gargalhada, quando o premio que as moças tiravam, era um cachimbo italiano, um tabaqueiro de chifre, um lenção encarnado com desenhos negros, lenços de tabaco, ou qualquer outro objecto proprio de homem, e de homens velhos, archeologicos...

E aqui, ali, mais alem, na igrejinha, nas calçadas, os grupos, as moças a enfiar com o encanto jovem de seus perfis mimosos, davam graça immensa áquelle festa insonte, de recuada parcella da grande patria do Cruzeiro.

E Martha: Onde estaria?

Coitada! Era tão boazinha... Mas era tão feia!

Estava, de certo trancada no seu quarto, ou a espreitar pela fresta da janella da salinha.

Ninguém a vira ainda durante a festa. Para que?

Para mangarem della? Era feia. Muito feia. Não atrevia a sair. Trancava-se.

Veria a festa ali pela abertura da madeira. O povo ás barruquinhas, o pateo da capelinha embandeirada.

Sua casinha ficava mesmo no centro da praçinha. Bem defronte ao cruzeiro.

E Martha do seu escondirijo, olhava, desolada, com uma enorme vontade de chorar.

Chorar?! Porque?

Não sabia bem. Só sabia ent! que tinha vontade de chorar, chorar muito. Uma coisa lá por dentro, por dentro da alma, no peito, no coração, um aperto, uma nuvem, um colypse, uma sombra na vida, uma coisa que a magoava, que atormentava muito, que a torturava...

Olhava lá outras, pela fresta. Via-as alegres a rir, em seus vestidinhos de rendas alvas e fitas vermelhas como brazas de mandacardê; via-lhes os namoros, os namorados, osi, daquelle purgatorio, daquelle mecejana de agonias e tristezas.

Via tudo, e tinha tanta afflicção!



E se não fizesse caso do mundo; e se saísse com o seu vestido novo, aquelle de cambraia bordada, com franjas azues que sua velha mãe lhe dera?... Hein? E se saísse mesmo? Olhar altivo, corpo elegante, cabeça firme, passo donairoso, como o daquellas moças do coronel Macario da Pedra Preta, que estavam no Collegio do Recife e vieram o anno passado á festa da padroeira.

Meditou um instante. Pensou, pensou. Resolveu.

Foi ao espelho. Mirou-se. Remirou-se. Passou um papelito vermelho, humedecido, nas faces e nos labios. Daria assim mais belleza ao rosto. Era assim que as outras faziam quando queriam enganar aos homens e causar inveja ás mulheres.

Passou e olhou rapidamente para os lados, como um ladrão que teme ser surprehendido. Estava só. Sozinha. Olhou-se bem no espelho. Animou-se. Estava bonita! Vestiu-se com esmero. Ensaiou passos e andares. Depois foi á festa. Olhou o pateo. Cheio de gente. Batia-lhe extraordinamente o coração.

Que fazer? Saía ou não?

Suspirou... esmoreceu...

Teve vontade de chorar. Mirou-se como um pavão.

Retornou ao espelho, reparou-se como Narcisse a beira do lago. Então?

Voltou á janella. Encontrou a pupilla á abertura, e se ficou como um condemnado as grades da prisão. Refez-se de coragem. Resolveu abrir.

Mas recuou. Ainda não havia apparecido durante a novena. Se saísse agora, ahí é que chamaria a attenção. Especialmente a das mulheres.

Ah! as mulheres! as mulheres!

Que fazer? Já prompta, vestida. Relutou.

Enorme batalha travou-se em seu intimo.

A razão aconchava:— não saias!

A vaidade fludia-a: — coragem!

Era mulher. A vaidade venceu...

Abriu a janella. Tremula, nervosa, debruçou-se, olhar desconfiado, vagando incerto por todos, sem fitar ninguem.

Era como que um réo a surgir deante de um tribunal implacavel.

E ficou ali absorta, atarouçada.

Mas... extraordinario! Ninguem a via! Todo aquelle povo divertia-se na festa. Quem daria fé? Quem enxergaria a Feia? Seria possivel?!

E Mirtha sem saber explicar, offendeu-se com a indifferença ambiente; pigarreou, mexeu-se na janella, como quem se quer fazer notar, attrair a attenção publica.

Nada! Ninguem dava por ella!

Irritou-se. Queria que a vissem agora, com as faces rosadas, vestido de cambraia, penteado

## A SYMPATHA

O caracteristico proeminente de  
distincção, consiste em uma  
visita a esta casa

Fazendas, Modas, Miudezas  
e Perfumarias.

"Unica que conquistou a SYMPATHA  
da Elite Recifense".

Rua do Livramento, 80

PHONE 634





elegante como o das normalistas de Pedra Preta.

Não era possível aquella indiferença. Que vissem, embora para a zombaria; mas queria que a vissem agora.

Entretanto... nada! Ninguém notara Martha á janella...

Exasperou-se. Fechou com violencia a janella e, sem reflectir, sem pensar, saiu á rua. Queria ver, queria ver agora se não a viam ainda!

E foi direita á casinha de oração.

Ia atordoada. Parecia que todos a fitavam na rua, a rir, zombando. Ella sentia o chibatear da moça. Mas foi, resolutamente.

A capella estava cheia. Ia começar a ultima novena da festa. Subiam foguetes, cujas flexas eram disputadas pelos garotos vadios e alegres.

Martha entrou. Rompeu a multidão, energica, sisuda, insensivel, disposta a tudo. Tinha uma expressão estranha. Estava agitada. Entrou e ajoelhou-se. Ajoelhou-se e esperou, coração aos pulos. Para ella, todo aquelle povo estava ali para vela, para mangar dolla, para achala feia. E em qualquer cochicho ao lado, julgava ouvir zombarias a sua pessoa. Mas, á proporção que se passavam os momentos, começou a notar, que ninguem a notava. Extraordinario! Ninguem a via. Era como se estivesse só sosinha com os santos.

Seria possível? Estava muito claro. Muita luz. Ella reconhecia outras caras, lá no outro lado. E como ninguem a notava?

Progressivamente foi-se habituando com a indifferença geral, e o seu coração já não pulsava apressado, já os seus olhos olhavam com firmeza, já o corpo não se agitava, nervoso. Mas estava aniquilada!

E o seu vestido? E o carmin no rosto?

Ninguém via nada! Miseraveis!...

Indignou-se.

Ah! a Humanidade! A Humanidade! Quando maltratada, riam della, motejavam della, ridicularizavam-na! Quando bem vestidinha, cor nas faces, lindo penteado, andar facieiro, vestido branco de franjas d'azul, linda mesmo, ninguem a via, ninguem dava por ella!...

E' isto mesmo. — Pensou — Se temos defeitos, todas as bocas se abrem para divulgá-los. Se temos boas qualidades, fecha-se a boca humana e ninguem nos vê.

Desenganada, ergueu-se. Saiu, desesperada. Queria que a vissem. Que a vissem agora. Sim!

Ao descer os degrãos da igreja, um aleijado estendeu-lhe a mão suja e chagada, e ro-

gou, ares humildes de quem implora: — uma esmolinha, minha santa!...

Martha sentiu indizível prazer.

— Minha santa!

Nunca ouvira tratamento, a não ser pela boca de sua velha mãe. Iseo mesmo de longe em longe.

— Minha santa! Que doçura!

Mas foi rapido o sonho. Ali estava o aleijado, mão estendida, sujo, esqualido, implorante.

Vio-lhe um movimento de repulsa. Aquelle aleijado! O unico ser que a vira e que lhe falara tão ternamente!

Não. Era digna de outros seres mais limpos, mais dignos. Aquillo era um escarneo. E foi para essa ironia da sorte que ella soffrera tanto e que alto se enfeitara! Para um aleijado de porta de igreja?

Deu violenta rebanada e correu para casa.

Entrou desesperada, a chorar, a soluçar, succedida, allucinada em pranto, como uma criança a quem quebraram a boneca de porcellana na hora do presente.

Na cosinha a velha mãe preparava a ceba.

— Que tens Martha?

E veio-lhe ao encontro, enxugando as mãos na saia de chita encarnada.

— Que tens, Martha?...

Martha, a soluçar, lagrimas em bando, foi andando, foi andando, até á frondosa oiticeira do riacho que passava bem ao pé da cerca do quintalzinho. Ah! sentou-se na relva, prendeu a cabeça, lado do coração, sobre o ombro esquerdo, apoiou-se no braço. Depois derreou-se mais, apoiada no cotovello. Cerrou os olhos, pendeu a fronte sobre o grammado. Adormeceu...

No céu, uma lua enorme, enorme e pallida como aquella do poema de Wíde na ultima noite de Hokanani, quando Salomé com os seus labios lubricos pedia beijos devassos; uma lua enorme, allumiu como um cyrio, aquelle corpo adormecido. E a lua com sua cara de diabético, parecia rir tambem da desventurada Martha.

Quando a velha mãe se approxinou, a filha dormia sob a fronde espessa da material oiticeira.

Tudo era silencio. Lá no pateo da capellinha, o ruído confuso da multidão em festa, não perturbava o somno tranquillo da innocente e pobre Martha.

—Martha! — Chamou a velha. —  
—Martha!... — Insistiu a velha mãe. —  
—Martha?!... — Chamou terceira vez —  
Assustada, baixou-se. Martha não respon-

dia.  
Tocou-lhe a face. E despertou-a. Soltou um grito. Recuou. Chamou a vizinha. Veio a vizinha que retornou logo e foi chamar gente. Veio gente. Muita gente. O povo da festa veio todo. O padre veio, veio o sacristão, a zeladora do Coração de Jesus.

Apenas ficaram os jogadores nas bancas e barraças a discutir e discutir com os parceiros. O mais foi. Até os docelros. Até a policia! Até a policia foi.

Fez-se roda de gente, Martha ao centro com a oitica, alumiada pela lua e dezenas de candelas vacilantes como vida de tysicos.

A velha soluçava, gemia, convulsava entre lamentos patheticos, theatraes. Dir-se-hia uma tragedia de Sophocles em plena natureza grega, ao ar livre, na immorali Athenas.

—Como estava bonita ella, minha gente! —  
Reparou alguém, a meia voz. —

— Parece que dorme... —  
— Coitadinha! Ia para a festa! —  
— Era tão boazinha! —  
— De mortins nibil nisi bene... — Murmurou o padre. —

Morrera a pobre Martha, e pelo seu sorriso a decerlar levemente labios de morta, via-se claramente que morrera a sonhar, talvez, que uma fada bondosa, uma fada dos bosques como aquellas dos contos infantis, trazia-lhe uma varinha de cordão com a qual tornar-se-hia fada como ninguém na Terra. E todas as mulheres a invejariam e todos os homens a cortejariam e todos os moços a cobiçariam... e casar-se-hia depois com um príncipe... um príncipe muito bonito... e a morar num palácio deslumbrante... lá... muito longe...

— Ah! seu moço! — arrematou um preto velho —  
— paixão bem que matou... —

RENATO DE ALENCAR



# Casa Pessoa

ESPINOLA PESSOA

Um dos melhores estabelecimentos do Recife, importador de artigos de armarinhos e modas

Especialidade em artigos finos para homens.

Rua Barão da Victoria n. 247.

Recife

Pernambuco



# CHAPÉOS

*Os mais lindos modelos para  
Senhoras e Senhoritas*

## A SYMPATHIA

Tem a honra de comunicar ás Exmas. familias  
que, dispendo de eximias chapeleiras e de variado sortimento  
em artigos para chapéos, acha-se habilitada a satisfazer  
o mais apurado gosto.

### Acceitam-se encomendas

Sempre exposição de chapéos por preços sem confronto  
Formas de todos os typos em palha de TAGAL e GRISÉ

Antes de V. Excia. effectuar sua encomenda consulte os preços da

A SYMPATHIA

*Rua do Livramento, 80*

PHONE 634



# CASA ESPELHO

**Pereira Branco & C.**

*Especialistas em artigos para homens*

Camisas, cuecas, pyjamas, collarinhos, meias,  
gravatas, toalhas, perfumarias e outros artigos finos.  
Mantem tambem uma seccão de roupas para creanças, como  
sejam: pyjam / collarinhos e meias.

**Rua Barão da Victoria, 234**

**RECIFE**

**J. Pessoa de Queiroz & Cia.**

Unicos depositarios para o norte do Brazil  
do afamado relógio, "Omega"

Commerciantes em larga escala de Fazendas  
finas, importadores directamente da Europa.

**Av. Marquez de Olinda  
n. 200**

**RECIFE**

# Club Pernambucano

Pateo do Paraizo, 309

Petit-concerto de 8 e meia às 10 e meia

Cabaret chic de 11 a's 2

\*\*\*\*\*

Director: **Abel Freire**

Grandes e sensacionaes numeros  
de canto e dansas

**EXITO COMPLETO DOS ARTISTAS**

**WALKYRIA** — celebre cantora dos princi-  
paes theatros do mundo.

**E**

**LINA VERBENA**, graciosa cançonetista italiana.

5.ª feira 31 — Sumptuoso baile á phantasia, para festejar o  
inicio do anno de 1926.

**TODOS AO "PERNAMBUCANO"**



A MODA DE 1926

em calçados  
para senhoras recebeu

===== A =====

**CASA EXCELSIOR**

\*\*\*\*\*  
Lindos modelos ENIGMA

COM

MONOGRAMMAS  
=====

\*\*\*\*\*  
LIVRAMENTO, 53

**PHONE 2568**





# Quilombo



Anno 2

— —

Numero 43



Director-Proprietario—Oswaldo Santiago



## GRITOS DO MEU SILENCIO

Nem mais doce haveria, talvez, que esse destino, nem destino mais amavel. Dizer em verso — todo amôr — aquelle seu doido amor... que tem azas de voar, como uma abelha. Encher a taça vazia da sua ansia com um grande amôr... Dizer em amôr aquelles cantos... Ser tambem um pouco de alma das ruas... Alma ingenua, alma garota, alma inquieta. E alma bohemia, tambem... cheia de sonhos, e sem dormir dentro das noites compridas, com amigas conversas... Ou, ser um labio que só diz em silencio... E, depois, ser apenas qualquer cousa, ser quase nada... um verso perdido na falla de alguém que passou cantando... e cantando lá se foi...

Ter rosas lyricas em a bocca, como si fossem cantares... A gloria de sentir, de abranger, de possuir todas as cousas, e aquellas que nem se tocam...

E' assim o destino de um poeta... E que lindo destino, quando se publica um livro como esse que, na proxima semana, Oswaldo Santiago irá lançar...

*Dustan Miranda.*

## A MORTE DO CAVALLO

Firmino da Assumpção casara novo, e a fecundidade niobesca da presada consorte, ofertara-lhe como premio de consolação aos herculeos esforços dispendidos, uma prole de dez rinchas creanças.

A medida que os progenitores envelheciam, os filhos pela sua operosidade e boa orientação, conseguam encher de alegria e conforto o lar modesto, mas de perenne harmonia.

O ultimo, porém, escanga'hou a homogeneidade do conjuncto, pois graças a um treino methodico e efficaz, obteve nas redondezas o titulo de campeão da preguica.

Assim, pôr mais que o pae lhe estudasse a anatomia das costellas, o relapso a nada se movia. O seu sonho dourado era dormir.

Quando em creança o mandavam para a escola, saltava a sebe, mettia os livros debaixo da cabeça e ferrava-se no somno.

O pae encontrava-o e Zurzia o de alto a baixo, mas o infeliz quasi nem dava accordo, tal a somnolencia que o invadia.

Adolescente, o velho mandou-o para o campo mettendo-lhe uma enxada na mão; mas qual, ao primeiro golpe pousava a ferramenta, encostava-se ao cabo e entrava no dominio dos sonhos.

Um dia o pae morreu, e elle ficou no lethargo já sabido, roncando todo o santissimo dia.

A mãe chamava-o para comer; estremunhado engolia a sôpa, voltava-se para o outro lado e...

A namorada casou com outro e elle a dormir.

Os irmãos reuniram-se em conselho, e envergonhados decidiram obrigar-o a verificar praça no exercito.

Communicaram-lhe a noticia e elle nem se abalou.

No dia designado montaram-n'o n'um jumento e enforquetado na albarda, em caminho da cidade, voltou a adormecer. O genero, felizmente conhecia o caminho e lá foi parar.

Esquipou-se momentaneamente a modorra que pesava sobre o rapaz e foi accellto no regimento.

Durante os primeiros dias não houve razão de queixa, mas de uma feita foi escalado para fazer o quarto de sentinella ás cavallariças da meia noite ás duas.

Entrou firme, airoso e bem disposto para o serviço, mas á meia hora silencio, meia luz, um banquinho á disposição, sentou-se e adormeceu.

O official de ronda passou e encontrando-o bem grudado no somno, sacoleja-o rispidamente:

— Estavas a dormir?

— Saiba V. S. que não estava, — responde o gaúcho perfilando-se na continencia.

— Isso é que estavas, que eu bem vi!

— Peço licença para dizer ao meu tenente que não estava.

— Ah, não! Então diz-me uma coisa; de que morreu aquelle cavallo?

— Aquelle cavallo?... Ah, sim... aquelle cavallo... estava... parecia... ao meu tenente, de repente deu-lhe uma dôr, pôz a pata na ca'beça e começou, ai Jesus... ai Jesus... ai Jesus e morreu!

ARM. COLISIO

## BALLADA DA VIDA

E'.. Palhaço da vida,

A tua sorte

E' percorrer, sorrindo, a estrada dolotida

Que desde o herço te conduz á morte!

Todo aquelle que vive é um torturado

Por um mal qualquer:

Seja uma ambição que não se alcança,

Um desejo insatisfeito, uma lembrança,

Um sorriso, um olhar, um beijo, uma aventura

Uma mulher,

Ou a saudade daquillo que se quiz...

Todos trazem consigo uma tortura

Ninguem se pode declarar feliz!

Todo o dia que passa

E' uma mentira!...

Toda a noite que vem

Uma illusão!...

Depois o desengano atroz que despedaça

E mata o coração!

E's a vida que a gente vai levando:

Um passo para a frente, um olhar para atrás

E a dor aos poucos nos avassalando

E nada mais!...

SYLVESTRE AGGRIPPA

## O "Homem"



Elle para elle mes-mo: — Decididamente, ando de azar!  
No R'io ninguem me dá importancia, Venho de lá, e o povo aqui  
nem me liga. Dou uma entrevista, e zás! afundo-me todo. Não,  
Ando mesmo de azar!





Noctur-  
no  
Brasi-  
leiro

SILVINO OLAVO



*Ao sopê da floresta, em tremulos farfalhos,  
o lago é o espelho dos ipês dormentes —  
farfalham folhas e oscillam galhos,  
dormem os passaros nos agasalhos  
dos ninhos quentes...*

*Farfalham folhas... Oscillam galhos...  
E as pequeninas gôttas de orvalhos,  
gôttas luzentes,  
accendem lampadas nos maravalhos...*

*Os vagalumes  
intermittentes  
accendem lumes  
phosphorescentes...*

*Em sarabanda, passam em festas,  
passam contentes,  
como se fossem astros cadentes,  
como se fossem a dima das florestas.*

*Agora o lago é uma saphira accêsa  
num estofa verde de capins luzindo,  
e a agua cantante da correntêza  
de pedra em pedra, chega á reprêsa,  
num fio límpido...*

*Vivam vozes monotonas gemendo  
como de aves nocturnas e agoureiras?  
— E' o dialogo das arvores rangendo  
no altrito das madeiras...*

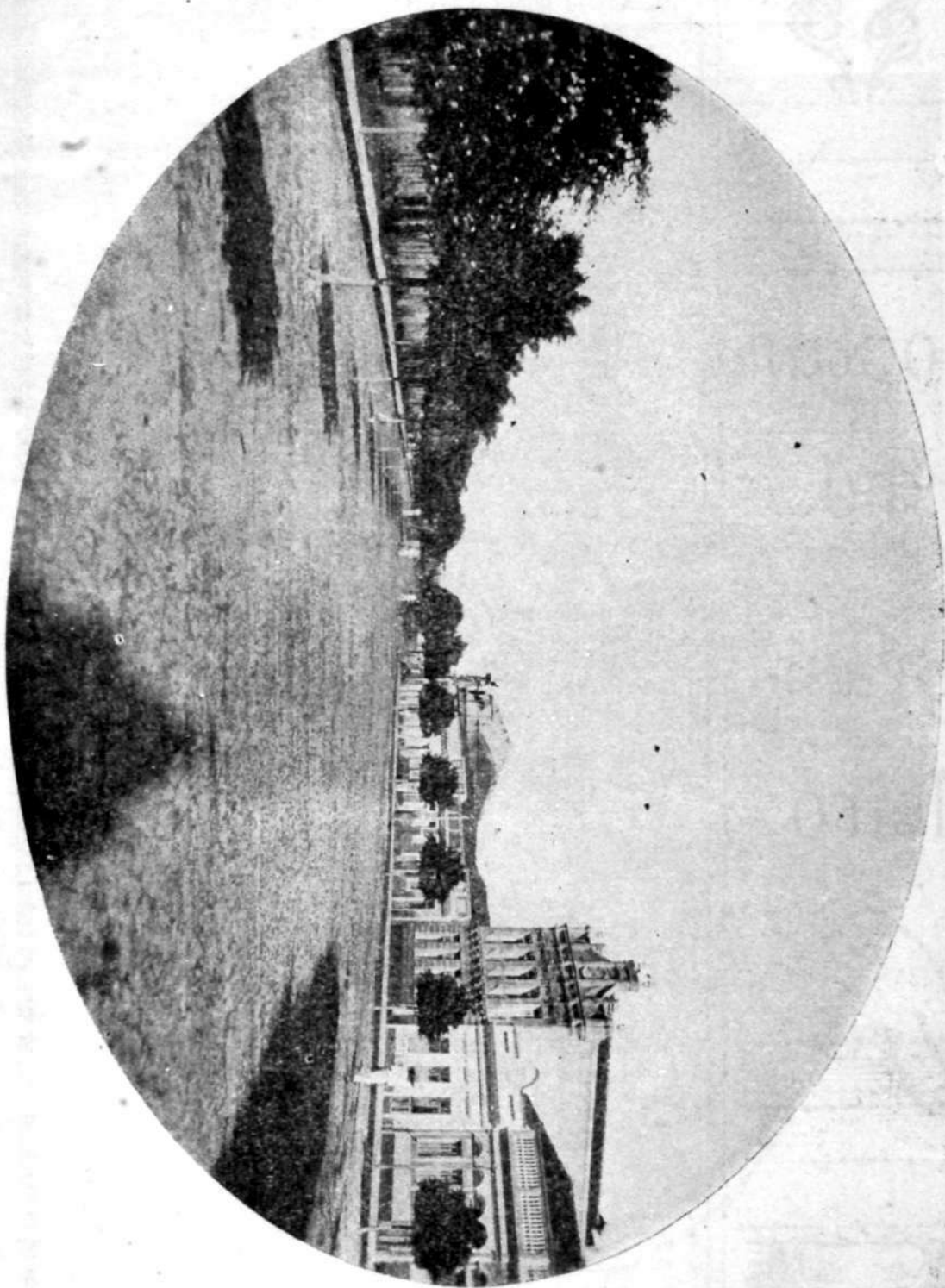
*Flôre o mentrasto nãs capoeiras  
e ovelhas mansas pastam bôlindo...  
Do céu a lua desce ás clareiras  
e o luar é como um pastor bemvindo...*

*Em pastagens de ervanço, nos terreiros  
alvos como roçados de algodão,  
ao cantico dos gallos nos poleiros,  
dorme o gado em marombas pelo chão...*

*Farfalham folhas... Oscillam galhos...  
Dormem os passaros nos agasalhos  
dos ninhos quentes...  
Os vagalumes intermittentes  
accendem lumes phosphorescentes  
e em sarabanda passam em festas  
como se fossem astros cadentes  
como se fossem a alma das florestas.*

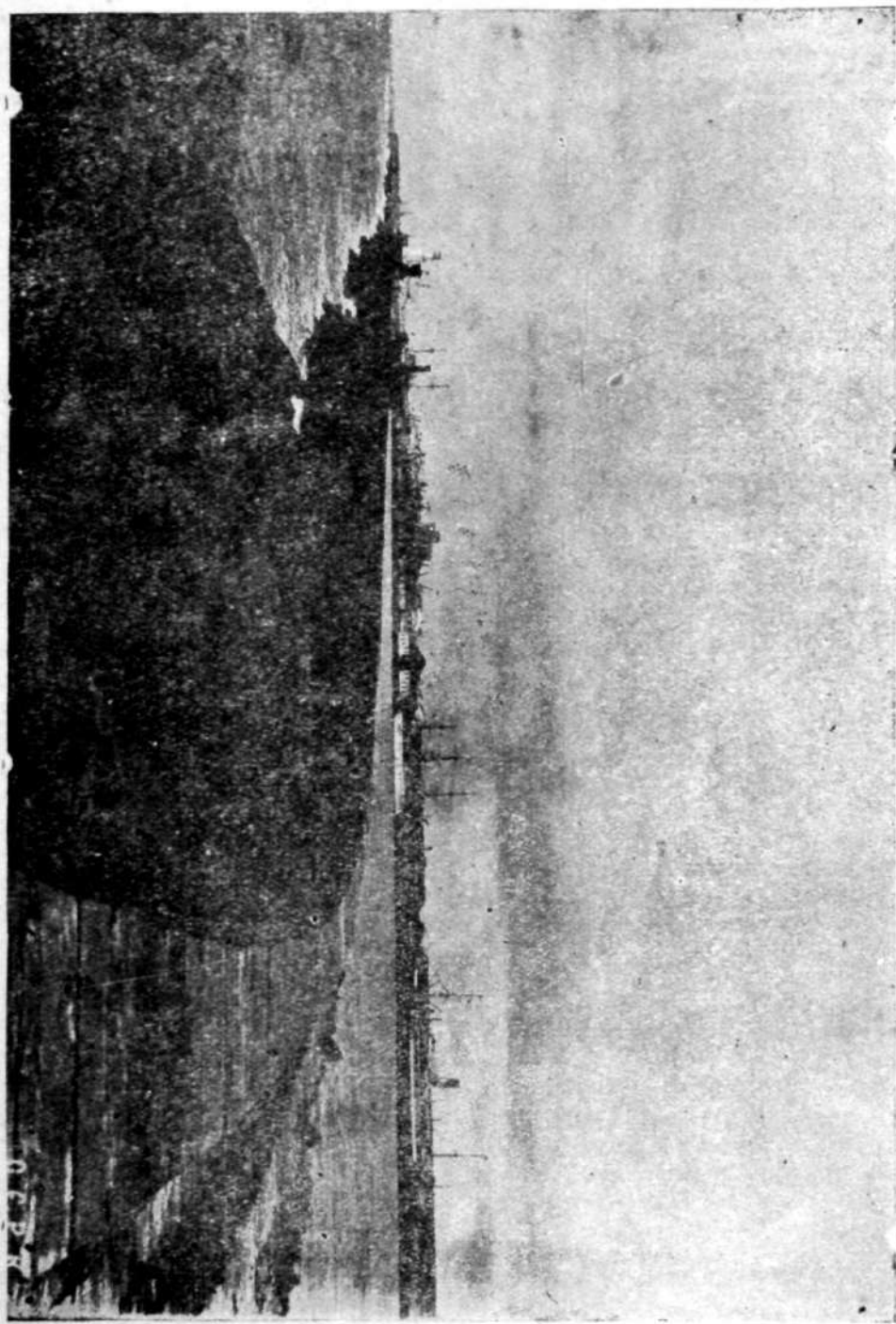
RUA NOVA

# Interior da Parahyba



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO. EM ITABAYANNA

## Encantos de nossa terra



Uma vista do nosso ancoradouro interno, apanhada de sobre a muralha dos recifes.



# Olhos espelho d'alma

Dize, meu amor, porque estas tão triste assim? perguntava a seductora Irene, morena de olhos sentillantes a Mario, moço nortista de fronte pallida e pensativo, e, num gesto galante offerencia-lhe a bocca pequeninha e humida — Mario, assim tentado, cinge-a ternemente e bebe-lhe pelos labios o vinho estonteante do amor. Depois, retemperado, fala:

Sim, queridinha, estava triste, mas o teu beijo ardente trouxe-me a alegria.

Os teus olhos, o teu sorriso, a tua doçura e bondade provam-me a belleza da vida e dão-me a illusão da felicidade.

Tu', só tu', és carinhosa e boa, com o teu carinho, e com tua bondade, affastas-me do véo que toldar possa a face da hora presente. Bemdigo o momento que te encontrei na vida, como também o Deus que te fez a minha boa amiga. Antes de ti, sentia a torturante angustia de um coração deserto, porque ali nem o santo amor de mãe dado me foi possuir por mais tempo. Logo á minha infancia, quando maior crá a carencia dos cuidados e sollicitudes maternas, perdi-os perdendo-a. E fiquei, p'rdido, a esmo, atirado ao caminho incerto e tortuoso da vida. Que de maguas e torturas ali, nem eu sei! vagando, acobrunhado e só á mercê das incertezas do Destino. Desiludido, sem creença e sem fé, desconfiara dos homens e das coisas e tudo me parecia inhospito e hostil. E não lhes era eu indifferente? Era-o sim. Não sabia, nem curavam de saber, se era alegre ou triste, se desejava ou desdenhara, se minha alma ancava por uma alma irmã da sua, doce recolhimento em que houvesse a paz, negando-me, assim com o seu indifferentiemo a quietude que tanto acordava. E o meu humilde desejo conduzia bem com a humildade de minha pessoa: Um lar pequeno e feliz, á sombra de arvores amigas, guado pelo espirito intelligente de uma pètil-femme honesta e boa a quem eu queria nem fraude, nem riqueza. Mas ali eu por ser assim tive que esperar e soffrer a ancia por ser assim, tem que esperar e soffrer a ancia do desejo e a dôr da desesperação.

—Mas agora, queridinho, contas com a

minha sollicitude, e com meu amor povoarei o vacuo de teu sonho!

Que te inquietta mais?

—Nada, retorquiu Mario. Quando te tenho ao pé de mim, chego a esquecer o meu passado. Si te affastas porém voltam-me á memoria os dias tristes de outr'ora e fico-me a pensar, com pungido, que por um accidente qualquer venha a ficar sem a tua companhia. Que me será doloroso, então? Dizia Voltaire:

"E' melhor nunca ter experimentado a felicidade, de que gosa-a e depois perdela". Desejo-te muito e depois de possuir-te perder-te, seria demais, estaria acima de minhas forças. E' boa, creio na tua dedicação, todavia se te affastas...

—Nada meu amor, deixa de vão temor. Sou bastante teu amigo para te querer infeliz. Olha bem para os meus olhos e vê que elles te promettem tudo, e ainda mais uma felicidade illimitada esem fim. Essa tua superstição magoame. Deixa. Não falemos mais nisso, peço-te.

—Seja, Irene. Creio nas tuas palavras e acredito em teus olhos...

E um prolongado beijo sellou o pacto dessa alliança indissolúvel.

Mezes depois, alte noite, á luz indecisa dos lampões, estendido na rua, de mistura com a lama divisei um trapo humano. A sua face macilenta despertou-me na memoria uma coisa que não pude recordar. Segui, rua fóra. Adeante, numa casa suspeita, rodeada de outras mulheres, uma morena de olhos scintillantes conversava com gestos obscenos e ria-se n'um air debochadi. Completara-se-me a lembrança.

Aquelles olhos eram muito inquietos para uma posição definida; eram muito bulçosos para uma bocca de tamanha durabilidade...

Desgraçado Mario!

Padre sonhador!

6—1—326

ELIAS GUEDES

Na proxima semana :

## Gritos do meu Silencio

Poesias de Oswaldo Santiago

# A Poetisa da Suavidade

E' Cecilia Meirelles a poetisa da suauidade. Sua arte symbolica e imponderavel como um véu de noiva, é desluzante qual uma nesga de agua limpida e fresca a serpear sobre a tibia branca entre seixos de crystal.

A alma de Cecilia Meirelles, deve ser uma alma igual á sua arte, sonora e branca.

Santa Cecilia da Harmonia!

Lendo a poesia de "Vinho Persa" sente-se a tentura embriagada dessa alma que veio de longe, da Cidade Sagrada, da Cidade — Maravilha, dos palacios de porphyro e do rito dos "Parsis".

A sua alma andou talvez a compôr estrophes, ao lado de Sadi, o poeta dos versos delicados. E' por isso que Cecilia Meirelles diz:—

"Eu sou a Cidade Sagrada de onde vieste

"numa noite sem memoria...

"Eu sou a Cidade Sagrada, onde tudo

"são mãos postas e olhos imóveis...

"onde ha salgueiros da côr do luar.

"vergando num ohoro sem lagrimas

"sobre lagos brancos de lotus

"Entã ás minhas portas ó filho.

"e descança que vens de tão longe,

"e andaste o mundo todo, e eu

"sei que ainda terás de partir...

E partia pelo azul a fóra, em seu carro de sonhos e começou a evocar as epopeias de Valmiki e lyricamente cantou no placiado de "Ayodhya" entre cymbalos e vinas o poema sentimental de Sita.

O seu pensamento era então como uma "Keçonka" tão brilhante que parecia uma flôr de fogo congelada por graça de "Agui". Ella trouxe de lá essa, nostalgia das distancias transcendentes.

"Lembrança mórtã de uma historia reticente

"Que nos contaram noutra vida e noutra idioma

Depois partiu ainda, e "sentou-se á porta do seu sonho" e cantou as suas "Ballads para el Rey" — O livro pequeno, fechado diante dos meus olhos, abre-se imperceptivelmente ao meu pensamento, julgo vêr essa alma errante e encantada, na sorte galante de el-rey D. Dyniz

o cancionero gracioso e singelo, a levar entre fidalgos e grandes damas, que aclamavam "Dentre joias, leques e rendes..."

Lelo-o avidamente, lentamente, sonhando, esse livro pequenino, um reino encantado que ella ergueu, para el-Rey, das suas balladas:

"Vinda vestida de pezares

"Quando em meu sonho te encontrarei...

"De luz de auroras e de luas,

"Deram-me trajes tutelares

"Teus olhos tristes, de "Agnus — Dei"

"Na minha simplicite humilde.

"Reinos ergueram de que és rei..."

Assim é o seu livro, todo um lindo reino de encantamento e suauidade, onde os versos de uma pureza branca de marmores fantellidos, são vitraes de delicadas illuminuras de "Panselinos".

"Era uma vez uma donzella...

"Nos bons tempos do rei Gunthar...

Sente-se por vezes nos seus versos essa agonia essa ansia "de ave triste que não vóa" cujos anseios se perdem nas reticencias nos longes horizontes dos seus sonhos.

"Eu sonho meu sonho occulto

"De ave triste que não vóa;

"Detida a vêr o teu vulto

"De sceptro, manto e corôa...

Na mente se amontôam os versos lindos que são todos ungidos de cristianissima sonoridade: e eu quizerã escrevelos um a um, com as suggestivas nuances que elles tomm na minha alma. São evocações que fazem meditar... meditar... na attitude d'aquella begonha das suas balladas.

"Na grande noite tristonha

"meu pensamento parado,

"tem qu'etudes de cegonha

"numa beira de fealdão.

Depois estes outros, que lembram a velhice fria

"lá vem, lá vem os dias lentos,

"Dias de sombras taciturnas,

"Em que todos os pensamentos

"Tomam formas de aves — noturnas"

"Lá vem, lá vem a solidade...

"Quase a gente morre de pena,

"Vendo que a alma se desillude,

"Tão profundamente serena...

E não é assim mesmo, quando a gente começa a envelhecer?...

Cecilia Meirelles com seu idealismo evocador e maneio como os poemas de Tagore, o seu mestre adorado, o seu fetiche, abre rasgões luminosos na poesia brazileira.

Essa suavissima nostalgia que a sua alma sonora e branca trouxe das outras vidas que viu, perfuma toda a sua farfalhante inspiração, que se faz versos, esses versos que tem caricias de saudades distantes, versos da côr dos Hiazes, da côr dos sonhos...

E assim deve ser a alma da poetisa da sua vida, encantadora, sonora e branca...

Santa Cecilia da Harmonia!

JUANTA B. MACHADO

# Do Elegante Protocolo

## "GRITOS DO MEU SILENCIO"

A sua leitura, quinta feira proxima.

Oswaldo Santiago, director desta revista, annuncia para a proxima quinta feira 28 do corrente, o festival em que fará a leitura do seu novo livro de versos, o "Gritos do meu Silencio", como elle intitulou.

Tomarão parte nessa festa os mais selectos elementos do conjuncto artistico e intellectual de Pernambuco, entre os quaes os srs. Austro Costa, Anísio Galvão, Araujo Filho, Dustan Miranda, Nelson Paixão, Armando Goulart Wulcherer, Silvio Moura e Joaquim Inojosa, alem de Mlles. Heloisa Chagas e Deborah Gonzaga e Mme. Juanita Machado, todos no refrente á parte litteraria; e na parte artistica, propriamente dita, os festejados maestros, professor Manoel Augusto, Nelson Ferreira e Alberto Figueiredo, o extraordinario violinista gaúcho Vicente Tinipaldi e o consagrado tenor catteraneo Reis e Silva.

A festa de Oswaldo Santiago tem a particularidade um grupo de figuras de destacado realce nas letras e na sociedade do Recife, de'onde fazendo parte os srs. Sergio Loretto Filho, Eurico Chaves, Amaury de Medeiros, Anísio Galvão, Araujo Filho, Thaumaturgo de Faria, Annibal Fernandes, Austro Costa, Joaquim Inojosa, Coaracy de Medeiros e Dustan Miranda.

E' de crer, portanto, que se revista do esperado successo, essa audição do "Gritos do meu Silencio".

## ANNIVERSARIOS

A 10 — A exma. snra. d. Hilda Cabral Bittencourt, virtuosa esposa do joven e renomado clínico,

dr. Jorge Bittencourt, figura de saliência do "Departamento de Saude e Assistencia;" o sympathisado moço, cap. Guilherme de Azevedo, secretario da companhia da "Great-Western".

A 11 — A exma. snra. d. Aiba Rios, digna consorte do nosso muito prezado amigo, dr. Carlos Rios, esforçado e competente director-gerente da Repartição de Publicações Officiaes, deste Estado; o insigne litterato conferencista, dr. Manoel Araújo, digno secretario do Conselho Municipal desta Capital.

A 12 — O joven e apreciado intellectual dr. José de Góes Filho, officia! de gabinete do illustre sr. dr. Secretario da Fazenda.

A 14 — O apreciado belletrista e clinico reputado, dr. Lins e Silva, que por motivo de luto não receberá os seus amigos.

A 16 — A encantadora creatura que é Mlle. Lucia Lewin, figura de relevo social espirital do nosso meio e filha do distincto commerciante, Sr. Arthur Lewin.

A 18 — O conceituado clinico, dr. Ramos Leal, um dos nomes mais brilhantes da classe medica pernambucana; o commerciante e cavalheiro de sociedade, Sr. Nelson Paixão, autor do libreto da opereta "Berenice."

A 19 — O eminento estadista, dr. João Suassuna, atual presidente da Parahyba e um dos vultos politicos de destaque no paiz; o esperançoso cultor das letras sr. Mario Guimarães, escripto! da "Great-Western".

A 20 — O dr. Eulogio Antu-

nes, operoso despachante da Alfândega; o distincto cavalheiro, coronel José da Silva Loyo Netto, conselheiro municipal desta capital e presidente do voloroso gremio desportivo, "Torre-Sport Club."

A 21 — A grãe menina Aliene Lopes Falcão, filha do studoso commerciante sr. Manoel Pinto Falcão, e cunhada do dr. Carlos Rios, director-gerente da "Repartição de Publicações Officiaes".

Ann versarion a 21 do corrente, d. Luiza Callado Pinto, virtuosa consorte do sr. Onecimo Pinto, auxiliar da "Repartição de Publicações Officiaes".

Val cursar a Escola de Medicina e é de crer seja dos mais brilhantes.

Ao distincto moço, os nossos desejos de felicidade.

Hoje — O nosso distincto confrade de imprensa, dr. Alípio Galvão, secretario da "Fazenda Modelo", de Tigré.

Amanhã — Isa, filhinha do nosso illustre confrade dr. José dos Anjos, secretario do "Diario de Pernambuco," Mlle. Lilla Leite, genã! ornamento do nosso Set.

## Cel. Virgilio de Sá Leitão

Na data de hontem, teve o transcurso do seu anniversario natalicio o estimado cavalheiro, Coronel Virgilio Sá Leitão, um dos bahuantes do querido "Bloco Carnavalesco Apois Fum".

Muito relacionado nos nossos circulos sociaes, o anniversario foi festejado de innumerables feições, tendo o "Após Fum" comparecido incorporado á sua residencia, onde se realizaram animadas dansas que se prolongaram até a madrugada de hoje.





O Congresso de Estradas de Rodagem  
 é o motivo do dia, o prato da ocasião...  
 —Congresso no Brasil quer dizer: **parolagem**...  
 —Neste, porém, os congressistas agem...  
 —Valha, pois, esta esplendida excepção!

Ha commentarios mlt̃ pelas esquinas.  
 Todos discutem as vantagens do Congresso.  
 Até a classe desunida dos bolinas  
 tem sobre o assumpto idéas crystallinas...  
 —Abrir estrada é, sempre, acenar ao Progresso...

Nossas estradas. Céus! Nossas estradas...  
 Certo irmão d'oravante melhorar  
 pela energia dos governos restauradas,  
 caso não possam ser multiplicadas,  
 como é preciso multiplicar.

Multiplicar! Estradas haja em toda parte!  
 Por toda parte estradas sejam feitas!  
 E assim Commercio, e assim Industria e Arte  
 agitarão em gloria o radioso estandarte  
 das excelsas coheitas.

Multiplicar, porém... multiplicando  
 para melhor, é bom de ver,  
 que isso de andar-se aos trancos, vomitando,  
 em auto que se afunda a quando e quando  
 em canhuo execravel, negregando,  
 só mesmo para quem nada tem que perder...

Eu, por exemplo... Eu fui a victima primeira  
 do Congresso que ahí está em plena actividade.  
 Mas não lhe quero mal, de nenhuma maneira.  
 Se não pude gostar da brincadeira,  
 amo a aventura; e, em sensações, a variedade.

Ora, nesse domingo memoravel  
 do tal raid Recife-Macelló  
 eu sonhava ir correr numa estrada adoravel,  
 mas qual?... Do Cubo em diante a dita é pouco  
 amavel,  
 é horrivel, simplesmente horrivel, a execravel!  
 E na Escada saltei doente, de causar do!

A estrada infame; o Dodge, furibundo

# Set-Flirt-Jazz-f

"Estradas", meu sa

a engullir a distancia loucamente...  
 Constituinte a marcar, segundo por segundo,  
 a marcha louca; e eu tonto, enjoado, num pro-  
 fundo  
 mal-estar, na manhã que se abria ridente.

E doente, com a tonteira e as nauzeas por castigo  
 de tanta extravagancia, eu na Escada saltei;  
 refiz-me, repousei em sitio ameno e amigo,  
 mas, ainda assim ficou até hoje commigo  
 aquelle mal-estar que em tal raid encontrei.

Nunca mais! Por tão vis estradas de rodagem  
 não mais hei-de me vêr, que o vexame é previsto.  
 Prefiro agora Bôa-Viagem  
 Com a sua estrada de... **bolinagem**,  
 de raids, mais suaves, está visto...

## AS CAIXEIRINHAS DIGNAS

—As caixeirinhas...  
 Sim, ainda ha caixeirinhas  
 dignas e sérias.  
 Estas, porém, não são assim affectadinhas,  
 nem dão confiança a taes almofadinhas,  
 nem andam a taes horas tão sózinhas,  
 nem vivem de chamegos e pilhérias.

—São muito outras as caixeirinhas sérias.

## GALANTERIAS...

Meu caro poeta: Sempre galante!  
 Sempre alma nobre, pura e bonita!  
 Muito obrigado, seu Zé Penante!  
 Muito obrigado, d. Gracita!...

João - da - Rua



# zz-Footing

meu santo!

## UM NOME E UM LIVRO

Um nome claro e puro que não morre.  
Um livro leve e bom — Arte e Emoção.  
O livro: — *Vida que corre*  
O nome: — Anísio Galvão.

## DOIS... ZERO... SETE...

Dois... zero... sete... Naquella rua  
todos proclamam, tudo repete...  
Mas a Múlcia tanto insinúa...  
Pois, se Mme. gosta da Lua,  
gosta da Lua que se derrete,  
não é da conta daquella rua  
tão ind'screta que a compromette  
se em certa casa, fallando á Lua,  
Mme. — extranha paixão a sua! —  
ôa janeilinha, tuô promette  
a alguem que, certo, não é a Lua...  
Naquella casa... naquella rua...  
Dois... zero... sete...

## A BELLA E O "FE'RA"

Flirt recente? Romance antigo?  
Amôr moderno? Paixão sincera?  
Sempre que os vejo digo comm'go:  
— A bella e a fera.

O idyllio aos poucos vai progredindo  
sem violencias... Que lindo poema!  
Já estão juntinhos, cautos, sorrindo,  
no cinema...

Rua - Nova

## "SEU" FITTIPALDI

Seu Fittipaldi, seu Fittipaldi,  
ponha o monoculo, e venha cá.  
Val dar concerto? Não é de balde.  
Que violino, seu Fittipaldi!  
Seu Fittipaldi, quando será?

## SILENCIO GRITADOR...

Paradoxo? loucura? futurismo?  
Beleza? Sonho? Originalidade?  
Néo-romantismo? Sentimentalismo?  
Ventura? Prece? Amôr? Felicidade?

E' tudo isso, leitor. E' o que pensares.  
E' o que quizeres.  
Poetra azul de chimeras... Sons... Lares...  
Rosas... Volupia... Lagrimas... Mulheres...

E' o grito allucinado do silencio  
na noite créspe das máxões humanas...  
E' um poeta que canta; é um louco! Vence-o  
a fermusura das Pernambucanas.

A festa, quinta-feira 28,  
no salão do "Diario". Imagina a um delite.  
Mas que silencio gritador! Que Alto!  
Faz mais barulho que o preto do leito...

## A PROPAGANDA QUEM FAZ SOU EU...

Gosta da Europa? Achas a França Linda?  
Adora o Rio com tanta effusão?  
Como? Se você não leu ainda  
*Vida que corre* — de Anísio Galvão?

## LILI

E' tão pequeno, tão pequen'ninho  
o seu pézinho  
de melindrosa — bonoca allemã,  
que, para engraxar seu espatinho,  
basta, ao vez de escôva, o bigodinho  
do ineffavel dr. Dusan.

## Nomeações

Para o cargo de 3.º delegado da Capital, foi nomeado pelo exmo. sr. dr. governador do Estado, na recente reforma da policia o ilustre dr. Apuleiro Hygino Rodrigues da Assumpção.

Já não é a primeira vez que S. S. exerce cargos identicos, e sua volta a esse posto foi muito bem recebida por todos, pois o dr. Apuleiro da Assumpção sempre se revelou uma energia e de um esforço a toda prova, desenvolvendo com geral appellido as missões que lhe foram confiadas.

## Viajantes

A bordo do paquete nacional "Itaberá" chegou, ante-hontem, a esta capital o ta'entoso moço dr. Geraldo de Andrade, nosso distincto confrade da imprensa carioca, em cujo selo tem brilhado com sua intelligencia moça e forte, e medico recém-laureado pela "Universidade de Medicina" do Rio.

O dr. Geraldo de Andrade vem a Pernambuco representar a "Associação Fluminense de Agricultura e Industria" no "Congresso das Estradas de Rodagem, Instrucção e Saude Publica", e traz, tambem a incumbencia de entrar em accordo com os jornalistas pernambucanos, para formar-se aqui, uma delegação da "Associação Brasileira da Imprensa", de que é figura proeminente.

Ao dr. Geraldo de Andrade, "Rua Nova", uma sua admiradora e amiga em espirito, saudou effluisivamente, desejando toda a sorte de venturas na sua estadia em Recife.

## FESTA

Um grandioso sarau dansante levaram a effeito hontem, no salão do "Diario", as alumnas recém-formadas pelo "Curso Normal da Escola Pinto Junior."



Breve teremos entre nós, regressado do Sul, a senhorinha Mena Baldi.

Aproveitando essa viagem que foi de recreio, Mena fez-se alumna do professor Manfredini, um dos maestros mais distinctos do Sul do Paiz.

No curso do consagrado maestro, Mena Baldi distinguio-se entre as melhores alumnas, surprehendendo o mestre com a sua magnifica voz de soprano-lyrico, de expressão inconfundivel.

Temperamento perfeito de artista consciante e de rara esthesia, ella vae abrir aqui um

curso de cantos de "Camera", seguindo as normas do grande maestro.

O seu concerto será no Santa Izabel e é de esperar que o velho theatro se encha de um auditorio selecto, pois Mena Baldi goza da admiração e da estíma da alta sociedade de Recife, onde sempre a elevaram as preciosas qualidades de seu espirito e do seu coração.

Desejamos que no seu regresso, ella possa colher as flores e palmas, justas homenagens ao seu talento.


\*\*\*\*\*

Essa festa encantadora obteve o comparecimento de vultuoso numero de familias e convidados em geral, tendo decorrido entre a mais franca alegria.

Para que estivesse-mos presentes á festa, uma commissão das referidas alumnas, compo-

ta de Mlles. Edith Barros e Silva, Adalgisa Franco, Irene Ferreira, Du'ce de Assis, Olga Rabello, Edith Cunha Danuzia de Moraes e Maria Anna U. B. Cavalcanti, teve a gentileza de nos enviar um carinhoso convite, o que agradecemos.





O  
Cancio-  
neiro  
Alegre  
das  
Canti-  
gas  
Tris-  
tes...

Ao

Mario Maranhão.



Ha tanto sentimento e ha tanto amor,  
nessas canções dolentes que tu cantas,  
que lembram litanias, cousas santas,  
e sons morrentes de harpas, trovador!...

Abrem-me n'alma desesperos, ansias  
tuas canções que os meus ouvidos ouvem...  
— porque ha nellas todas as sonancias  
das tragedias "nocturnas" de Beethoven...

Quando ha por tudo taecturnidade,  
eu, para te sentir com emoção,  
abro os vitraes do Sonho e da Saudade  
e me debrúço sobre o coração...

E assim fico a escutar as harmonias  
que te saem da voz em sustenidos...  
— oh! cancionista de melancolias,  
— organista de todos os gemidos...

Tuas cantigas tristes e bizarras  
adormentam-me as paiebras caçadas...  
— Ah! não tenhas a sorte das cigarras  
das que morrem cantando nas Estindas...

As tuas maguas são os teus cantares...  
— Resurreições de vultos e de imagens...  
— Nostalgias sem fim doutras paragens...  
— Saudades de outro céu, e de outros luares...

Quando o teu canto estridulo emudece,  
como um lenço a agitar-se em despedida,  
vou compondo, no enlevo duma prece,  
toda historia infeliz de minha vida...

Era uma vez... Mas, para que contar,  
essa historia que foi sonho e delirio,  
pois, se contando-a, tenho que chorar...  
pela memoria do Martirio!...

Lembrar não é sofrer, quando a lembrança  
desdobra sobre nós seu manto claro...  
— E ha, para além do olhar, uma esperanza,  
e, para o soffrimento, algum amparo...

Por isso são iguaes nossos destinos,  
na cadencia de ritmos, diversos:  
— Rebenta-te uma dôr, compões teus himos...  
— Rebenta-me uma dôr, faço os meus versos...

Cantando a patria azul dos sonhos teus,  
abenção o teu canto enternecido  
na lembrança que vem do ultimo Adeus  
para a angustia sem par dos teus gemidos...

Alças teu canto, e a tua magua vôa...  
E após sôbre a tu'alma faz-se luar...  
E eu não posso cantar, nem mesmo atôa,  
a minha dôr, para me consolar!...

Pois quando canto, no meu desconforto,  
um sonho tido e o coração presente,  
canta em meu peito dolorosamente,  
o Miserere desse sonho morto...

Entristeço. E uma inercia sôlenta  
todo o meu corpo tremulo percorre...  
Solta o ultimo acorde... e lenta... e lenta...  
a tua voz, como um soluço, morre...

"RITIMOS DA MINHA VIDA"

STENIO DE SA'

OS DOIS

POR  
MURILLA TORRES

Atrazaram-se na vida e só se encontravam, vindo, um do Sul, outro do Norte, residir de favor na mesma casa, ella com 49 annos de idade e elle com 63 — ambos solteiros. Chamam-se: são Fonseca e D. Joanna.

A "atração" é immediata...

Intimamente, gostam não se terem conhecido quando moços — amar-se-lam... Mas agora...

Agora o "namoro" limita-se em amabilidades. Ella lembra-lhe a roupa e nas refeições separa-lhe os melhores pratos. Elle (bem homem!) recebe esses cuidados como um rei ou um deus. Paga-lh'os com o seu proprio prestigio... Sim, dando-lhe uma palavra ou um olhar, fal-a feliz, está, portanto quieto! Não lhe deve mais nada!

O interessante é que são ambos surdos e a sua "palestra" é

um desconcerto. A ultima principalmente...

Como de costume, sentaram-se lado a lado, cada qual na sua cadeira de balanço. A conversa só podia ser resmungada (para não serem ouvidos porque, como sempre, reprovavam, queixosos, os donos da casa por não trata-los com a consideração que mereciam).

Ella, criticando a mulher, na sua cadeira mais baixa, que tem um balanço muizinho:

—A Helena é uma passeadeira! Não cuida dos filhos. Deixa a casa em desordem. E não põe na mesa comida que chegue... Você não viu hoje, no almoço? Que miséria de arroz! Elle, sem ouvi-la:

—Não supporto que me tratem desattenciosamente. Estas crianças são muito malcreadas!

—Malcreada. (Foi a unica palavra que ella escutou, porque, ao proferir-a zangado, elle atêrrara a voz) — Quem é que é malcreada? Helena? muito! Olhe: vou-lhe contar uma coisa. Não diga nada a ninguém. Hontem, estava dizendo ao marido

(Approximamente, confidenciais) que você é um idiota...

—Que? — grita o Fonseca turoso. — A senhora tem a competencia para me chamar idiota? Idiota é a senhora que vive resmungando com as moscas! Mulher que não se casa dá para isto! Sabe o que é melhor? Vá cercar melões ou crear galinhas!

D. Joanna fita-o assombrada (Mas esta desflusão no... amor!)

—Arre! Velho resunguento, neurasthenico! — mastiga entre si.

Nunca mais se "namoram". A sympathia instinctiva dos sexos differentes substitue-se, de uma vez, pelo fâncor fôrreito da velhice que insexualiza as creaturas...

E agora, quando elle veste roupa rasgada, ou sentando-se á mesa, não encontra o pratinho escolhido—e ella, quando o olha e o vê logo vira-lhe as costas, desdenhosa, — na rua ferrenha com que não se desculpam — sentem-se ambos mais velhos... tão velhos!



Dos acontecimentos da quinzena que hoje finda, merece especial destaque effectivamente, o grandioso balé que o "Internacional" levou á effecto, no sabbado 16, para inaugurar os sensiveis melhoramentos introduzidos no palacete que lhe serve de sede.

A reabertura dos salões desse tradicional gremio, serviu para deixar bem patente a sympathia que lhe consagra, a nossa alta sociedade.

Não é que essa mesma sociedade não prestigie com a sua comparencia e não tenha igual admiração pela outra aggregração congenere: o "Jockey Club". Absolutamente. O que se nota é que o "Internacional" inspira, no seu af mais cerimonioso, qualquer coisa de requinte, de apuro, de fidalguia antiga.

O "Jockey" personifica a epocha em que se

ver fleou a sua mutação recreativa é o "Internacional" o tempo em que se enflorou o roseiral das suas primeiras festas.

Não vá se pensar, porem, por estas palavras, que no club da rua da Aurora predominem certas burlescas e caricatas expressões de protocolo medievo. Pelo contrario. Respira-se a mesma atmosphera de modernismo, desde o trajar ao dança, e é sob a violencia indisciplinada de um "jazz" que todo o ambiente se movimenta, se agita e diverte.

E' muito justo, portanto, que o nosso escol não dê um testemunho de preferencia por qualquer dos dois, pois ambos representam differentes affirmações sociais, conjugadas na mesma negatividade de que se nos avessos a tudo que significa que alegria e fino convivio.

E já que assim é... assim seja.

NA PROXIMA SEMANA: GRITOS DO MEU SILENCIO

Poesias de OSWALDO SANTIAGO

## Socorro aos infelizes



O HOSPITAL DOS LAZAROS

### O MEU CREDO

Não sei se deva crer nas tuas juras  
A dúvida terrível me entristece.  
Foge-me a fé. Minha razão fenece.  
Don't nam-me profundas desventuras.

Padogo. Sonho-te nessas alturas.  
Onde v'ves, o olhar desfeito em proce.  
Tal se a tua alma em extos's quizesse.  
Buscar dos céus as regiões mais puras.

Não sei se deva crer. No entanto eu creio.  
Creio nos beijos teus, na tua bocca,  
No livro dos teus olhos que folheio.

Creio nas alegrias que me deres,  
Creio nesta tortura ardente e louca.  
Creio que és a mais fnda das mulheres.

JOÃO PUGLIESI



PARA A TUA DIVINA HYPOCRISIA...

Hypocrita divina, eu te perdôo! nunca  
meus lábios se abrirão para amaldiçoar-te;  
Se os cardos do destino o meu caminho junca,  
em rosas se abrirá teu amor na minha arte!

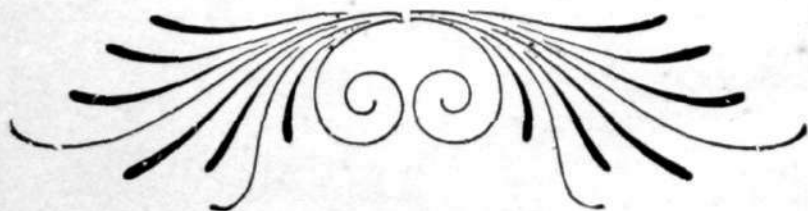
Em rosas se abrirá, no milagre divino  
perpetuador em mim desta recordação!  
—Ódiate? Jamais! Porque o ódio é pequenino,  
e abrange o meu amor toda uma imensidão!

Foste a falência do meu sonho... O desengano  
às minhas ilusões de glória e de conquista;  
A própria morte ao meu anseio sobrehumano,  
mas viverás em mim, bailando em minha vista!

Pelo meu coração foste redimida  
desde o momento em que mataste o meu ideal:  
Perdoe-te porque, ah! porque ainda te amo, vida  
da minha vida ingloria, e não te quero mal!

Hypocrita divina, eu te perdôo! Nunca  
meus lábios se abrirão para amaldiçoar-te;  
Se os cardos do destino o meu caminho junca,  
em rosas se abrirá teu amor na minha arte!

ANNIBAL PORTELLA



# O elogio da espiri- tualidade

Erãam tres jovens nascidas  
no mesmo humilde casebre,  
do mesmo pai lenhador...  
Todas tres eram formosas:  
uma tinha a cor das rosas  
cujas petalas estão  
cheias de um leve rubor...  
A outra, das margaridas  
tinha a graça e a languidez:  
tinha o ar de quem tem febre  
de grandeza e de paixão...  
Mas a mais nova das tres,  
a mais humilde e a mais linda,  
tinha a cor das madrugadas  
à beira-mar, no verão...  
E tinha no coração  
a poesia que não finda,  
pois é hoje o emblema ainda  
das almas predestinadas  
a achar no sonho seu pão...

A primeira apaixonou-se  
por um morgado opulento:  
teve bodas de espavento,  
teve palacios feudaes...  
Depois... o sonho acabou-se.  
Ella sentiu-se sosinha  
no tórveln das paixões,  
como vae na correnteza,  
rio abaixo, aos trambolhões,  
o cadaver de uma flôr...  
E depois a pobresinha,  
perdida a antiga belleza,  
não foi feliz nunca mais...  
Nunca mais teve ilusões...  
Nunca mais sorriu de amor!...

A segunda se prendeu  
num olhar dominador  
que lhe deu gloria e grandeza,  
do seu guerreiro e senhor.  
Foi um sonho o seu amor,  
lindo sonho que viveu  
um só dia como a flôr...  
Pois no apogeu da victoria  
veio achal-a o esquecimento

e a pobre dama esquecida,  
morta de tedio e de fome,  
cessa fome de alegria,  
em su'alma commovida  
trocára sem vacillar  
a sua ephemera gloria,  
o seu solio de princeza,  
para rever um momento,  
na sua antiga pobreza  
a poesia do seu lar...  
aquella ingenua poesia...

Mas a mais linda das tres  
por viver sempre a sonhar,  
um castello de ouro, fez  
um castello de ouro, no ar...  
Levava vida de asceta  
vida simples, vida calma,  
vida cheia de emoção:  
de manhã — os arreboes  
ao sol por — o entardecer...  
e um dia, já sem querer  
ter mais sublime ambição,  
consultando o coração  
entregou toda a su'alma  
a uma alma de poeta...  
E as duas irmãs,  
felizes viveram sós:  
pobres, simples, como Christo  
que apenas teve uma tunica,  
segundo a creença nos diz...  
Si esta vida é transitoria,  
só mesmo nas almas vãs  
imperá a febre de ouro...  
A ventura humana é isto:  
Um lar... duas almas... dois desejos...  
a luz do sol por unico thesouro,  
no lar creanças loiras e gent's...  
E á noite provocando os rouxinóes  
a musica dos beijos...

Da vida toda gloria,  
a verdadeira, a unica  
é a gente ser feliz!...

Enéas Alves.

## OUTRO VELHO CONTO

AO DR. DUSTAN MIRANDA

...Era a sua triste história de artista, que elle acabara de contar-me.

Eu bem vi que elle soffria e que seus olhos de lynce, até então azulados e límpidos como a superfície de um lago, umblavam-se como si ante elles se debruçasse o espectro abacabadabrante daquelle passado onde elle — nós dois, enfim — ímergimo-nos, levados pela esquesita phantazia de recordar.

No silencio preságo do fim do dia, naquella tarde suave e nostálgica, as suas palavras tinham ressonancias de vozes estranhas, um concerto trágico de ecos esmagados, de soluços entrecortados, hi-partidos, e no meio d'esse medonho pandemonio que fascinava o meu espirito eu via o perfil do meu amigo "travéz de um prisma diabolico" eu que resultava a sua cabelleira elegantemente desalinhada.

Fôra filho de um alcoóbatra inventarado; um velho marujo que bebia desesperadamente absyntho afim de curar-se de uma melancolia devotadora. As vezes, nas convulsões de "delirium tremens" interpretava Bethoven, num violino antigo, legado ao filho depois da sua morte trágica numa horrível tempestade.

Sua mãe: uma pobre artista de circo; morrera tambem depois de uma esplendida noite de triumpho — numa d'essa acrobatica assassinada por um "Clown" que por ella se apaixonara.

Assim "elle" ingressara na "via dolorosa da

vida" e herdara de seu paê, o marujo — musico a melancolia e o rythmo sublime da Arte.

Quando terminou a sua odysseia, pegou do antigo "stra diavus" e numa careca veludosa, um espreguicamento coleante, iniciou a tristissima "tomanza" antiga. Nascendo musico, sentira dentro em si o ancelo supremo, a vibratillidade divina da Arte.

Cêdo, porem, conhecêra as asperezas da vida; para attingir a mêta do seu idéal, sangrara os pés na escalada da rocha alcantilada do Sonho.

Fizera-se sakimbanco, após sua orphandade: uns homens máos, uns partês que sadavam a cata de aventuras souberam-n'o e fizeram-n'o poetiqueiro.

Zagamundeando de feira em feira fôra obrigado a ser hypocrita, tendo dentro de seu ser harmonias celestinas de cathedraes gothicas...

O riso glacial do hystrião, confundia-se, desarte com a tristeza infinita de sua alma de bohemio desventurado.

Era um riso de um Gymplayne nas faces de um Córvo de Põe.

A sua historia que elle desnudara aos meus olhos deslumbrados tinha uma semelhança perfeita com a romanza que se desligando do violino sob a pressão branda e subtil da caricia dos seus dedos longos como as proprias notas musicas.

Do jardim fechado vinha agora o perfume esquisito, leve, espiritualizado de rosas frescas, desbrochadas sob o encantamento da noite que se casava a dolencia maga da musica deficiosa...

FANSCISCO NORONHA

## O SAPO

(Para M (RUA NOVA))

E' um sapo. Nada mais, nada menos que um sapo.  
Habita a vasa, habita o charco, habita o lodo.  
No entanto, á furia alvar dos homens máos escupo,  
canta e, cantando, esquece o deshumano apodo.

E' um pária, é um perseguido, é um desgraçado, é um trapo  
que vive e talvez sinta e que vai, com denôdo,  
cantando, saltitando e balançando o papo,  
em busca de illusões, fugindo ao mundo todo.

Vel-o, quando o amplo céu de estrellas se povôa,  
Inquêto, multa vez, nadando, ás pressas, pelas  
margens sempre verdeas de placida, lagôa.

é sentir, dentro d'alma, indefinivel magua,  
pois, nadando, elle tenta alcançat as estrellas  
que reflectidas vê no mago espelho d'agua.

ISRAEL FONSECA

Bom-jardim, 15 de janeiro de 1926.





# Os dois inimigos

(CONTO DE GUERRA)

No estado de meia inconsciência em que Savo se achava, elle tinha a vaga impressão de estar immerso numa obscuridade profunda, como se tivesse cahido n'um baratro sem fim. Em meio do naufragio de todas as faculdades pensantes, percebia de vez em quando, somente para chamar-mal-o por um instante á sanção da vida, uma longa e dolorosa pontada no flanco. Era somente um vislumbre; cedo recahã no aniquillamento completo. A escuridão tornava a apertar o seu cerebro como uma tenaz.

Depois, pouco a pouco, as sensações faziam-se mais nitidas, ao espasmo agora seguido, ajuntavam-se outras impressões que o magoavam. Uma sede horrivel queimava-o, secando-lhe a garganta e os labios e sentia um frio cortante nos pés e nas mãos. O cerebro insensivelmente recommençava a funcionar. Era um chaos de ideias e de figuras imprecizas que se confundiam em que, com persistência, voltava a visão de longas fileiras de homens e de carros arrastando-se sem fim por estradas infundáveis, no meio da água e da lama. Depois um confuso tropel de gente gritando, homens que se jogavam uns contra os outros, matando-se num troar infernal de metralha.

Elle sobre estas figuras de incubo, dominava a impressão continua, real, do frio insistente, mortal.

Savo tentou mover-se. A dor no lado tornou-se immediatamente horrivel e enquanto dos labios ressecados pela febre sahia um lamento, elle parou que morria. A crise contudo attenuou-se.

Savo levantou as palpebras que lhe pesavam como se fossem de chumbo. Abriu os olhos, mas tornou a fechá-los immediatamente. Tudo em volta d'elle em branco e depois do longo desalheamento todo aquelle reflexo alvo lhe tinha produzido uma especie de cegueira.

Ficou ainda por alguns momentos com os olhos fechados, depois abriu-os. De novo, toda aquella visão branca o assaltou, mas se bem que isso o fatisse, conservou os olhos abertos. Começava a habituar-se. Olhou em torno. Estava estendido na neve, n'uma grande planicie, cujo fim não distinguia. Apenas em frente, um grupo de arvores despidas, retorcidas punham no céu acinzentado uma nota escura, lugubre, de natureza morta. Savo, na confusão do seu espirito enevoado por um denso véo que lhe opprimia todas as ideias, sentia a cabeça vacillante.

Pensar, dava-lhe uma impressão de soffri-

mento. Não comprehendia. Tudo em torno era silencioso. Quiz gritar e da garganta secca, não saiu senão um surdo lamento. Tornou a fechar os olhos fazendo um esforço para pensar: nada.

De repente teve um sobresalto. Lá em baixo, ao longe, no horizonte vinha por intervallos longos, regulares, um rumor surdo, profundo, como se fosse o passo enorme de algum animal monstruoso que avançasse.

Savo involuntariamente murmurou:

— O canhão!

Na escuridão que envolvia o seu pensamento, fazia-se uma luz: recordava-se, e agora, de repente, a memoria lhe voltava. Havia tanto tempo que a sua vida lhe corria igual. Anos, mezes, talvez menos, talvez mais. O tempo não tinha para Savo uma significação muito importante.

O nascer do dia que lhe avisava o momento de retomar os longos caminhos ou o trabalho que o acaso lhe fornecia, o calor da noite que lhe indicava que deveria procurar um abrigo para descansar, o alternar das estações que ao soffrimento do frio fazia succeder a do calor eram as unicas reminiscências que tinham no passado algum valor na sua vida de vagabundo.

Porque Savo era um vagabundo. Não sabia onde tinha nascido, nem nunca tinha tido ninguém que se interessasse por elle. Talvez em algum tugurio dos confins da Macedonia, ou então era mais provavel que em algum fôssco da estrada tivesse soltado o seu primeiro vagido. Fructo do amp'exo momentaneo de dois seres que a vida tinha feito encontrar-se, que a força do destino os tinha juntado e mais ainda a do instincto, e que talvez, passado aquelle momento não se tivessem mais visto, este filho da estrada, na estrada tinha ficado.

Sua infancia tinha sido como a de todos os abandonados. Tinha errado ao acaso, soffrido o frio, a fome e roubava quando podia inutilmente.

Nas aldeias, muitas vezes os meninos lhe atiravam pedras: os maiores o maltratavam e perseguiram. Assim elle havia crecido. E quando os annos tornavam o rapazito debil famito, em homem forte e musculoso, o frio e as intemperies da estrada foram habituando a todas as necessidades, insensivelmente, apesar de sempre repellido, tinha sido sempre temido.

Aquello que em criança não conseguia com pedidos, a força consagura depois de homem. A sua vida não mudava, sempre soffitaria, tendo por unico guia o acaso.

Um dia, tudo mudára.

Numa encruzilhada, uma noite em que cansado elle repousava, tinha-se encontrado com uma mulher. Abandonado por um grupo de ciganos que fugiam perseguidos pelos habitantes de uma aldeia vizinha, por causa de um furto, ella, se atirara com o instincto do animal atropelado para junto do desconhecido, no qual presentia um protector seguro. Elle tinha-a protegido, depois, insensivelmente tinha-a amado.

Não lhe tinha perguntado nem d'onde vinha, nem quem era. Ella lhe tinha dito chamar-se *Haina*. Não tinha querido saber mais e tambem não acha isso necessario. Estes dois seres que tinham atravessado uma boa parte da vida sobre a estrada, tão acostumado aos longos silencias que não tinham necessidade das palavras para se entenderem.

Os mesmos habitos formavam entre elles um laço obscuro.

A vida errante continuou com uma indifferença: agora eram dous. Elle a amava a seu modo, com o instincto zeloso da sua propriedade. Não a tinha elle achado e possuido livremente, com o instincto que fez escolher entre a manada, o cavallo, a sua égua?

Tinha sido aquelles os poucos, os unicos momentos felizes da sua vida. Aquelle homem que até então tinha conhecido somente a repulsa dos seus semelhantes, tinha finalmente alguem que pensava nelle. Tinha sido porém coisa de pouca duração. A catastrophe deca-se imprevista, lá em baixo, n'uma pequena aldeia, macedonica além da fronteira bulgaria.

Elle foi, n'uma manhã até as casas da aldeia deixando *Haina* n'uma cabana de pastores.

Como uma fera ferida elle corria em torno procurando os assassinos. Um pequeno pastor o tinha posto sobre a pista. Um grupo de quatro ou cinco soldados turcos tinham entrado na cabana. O pastorzinho tinha ouvido gritos e fugira espantado.

Savo tinha voltado á aldeia levando na alma uma colera de louco e no coração a necessidade de matar. Chegou ao pequeno quartel turco a pedir justiça.

O commandante do posto não o quiz receber; estava jogando cartas e não queria ser perturbado. Savo então, ameaçou, procurou ferir. Os soldados da guarda, talvez entre os quaes se achassem os assassinos, atiraram-se para cima de elle, maltrataram-no ameaçando-o de matá-lo se não fosse immediatamente embora.

Partira mordendo os pulsos de colera e de dor, com o furor de uma fera a quem o caçador matou a companheira. Tinha tornado a passar a fronteira com a alma roida pela sede inextinguivel da vingança inatendida.

Depois, um dia, entrando n'uma villa, tinha encontrado tudo em reboição, as casas embandeladas, os homens que partiam cantando acompanhados pelas mulheres que choravam.

Elle se informou.

A Bulgaria seguida pela Servia, Grecia e Montenegro declaravam a guerra a Turquia.

Savo nunca tinha entendido de politica; os acontecimentos que preparavam os sangrentos encontros das raças, eram palavras vans para seu cerebro de vagabundo. Mas uma só coisa tinha ferido a sua imaginação. Preparava-se a guerra contra os turcos, contra os "turbantes vermelhos", como os bulgaros os chamavam com desprezo. Os turcos não eram talvez aquelles que lhe tinham morto a sua *Haina*? Matar turcos fazia parte da sua vingança. Só isto comprehendia o livre filho das estradas e toda a sua alma primitiva feria de alegria selvagem. Tinha-se alistado. Deram-lhe um uniforme, uma espingarda e partira com um regimento de cavallaria.

Fizera-se soldado, porque esse novo estylo abria-lhe caminho para a sua vingança. Vindo com a intenção de matar, tinha morto turcos sem treguas. De *Kh-Khisse* a *Lul-Burgas*, em torno de *Andrinopolis* sobre a linha de *Tchadaldja*, depois atravez da *Macedonia*, até lá em baixo aos confins do *Epiro*, por toda a parte onde tinha andado o seu regimento, elle se esforçara por cumprir o que acreditava ser uma missão.

Não tardou a se tornar proverbial entre seus companheiros que o indicavam como um gigante seivegem e furioso, com um respeito supersticioso, dando-lhe uma extranha invulnerabilidade que o fazia sahir illeso dos encontros os mais furiosos, onde elle se jogava avante com impeto de fera. Pobres dos soldados turcos que ceciam sob suas mãos!

Murmuravam sobre elle atrocidades sem nome commettidas com a muda cumplicidade dos companheiros que o temiam. Um dia em que com poucos companheiros tinha avançado adiante, conseguindo surprender uma patrulha turca, muito superior em numero massacrara. Um general achando-se presente, á sua volta deu-lhe a medalha. Savo recebeu-a com a mais completa indifferença, talvez que só muito vagamente comprehendesse a significação e certamente não apreclava o valor.

Para seu gosto teria preferido uma garrafa de aguardente. A guerra, no inicio, representava para elle a sua vingança; depois de tantos mezes de batalha, á força do habito se acostumara.

Aclarava-se a memoria de Savo.

Si a evocação tinha toda a fórma do sonho, a impressão trazia consigo a realidade do passado.



E contudo, por um phenomeno bem frequente nos moribundos, permanecia somente a anesmia do presente.

Só, de vez em quando, a pontada no flanco produzia-lhe sobressaltos. Houve um momento em que a dor foi tão violenta que lhe arrancou um uivo. Abriu os olhos e fixou-os de novo na grande planicie branca que o cercava.

O frio mordia-lhe cada vez mais os pés e as mãos, a dor physica trazendo-o á realidade da vida actual, dava aos seus nervos o choque que rompia o véo que envolvia o presente. A memoria retomava o frio.

Um dia as cousas tinham novamente mudado, a guerra suspensa por um mez tinha tornado mais violenta. D'esta vez não eram mais os inimigos communs, os turcos, que se combatia, mas os servios e os gregos.

Savo não comprehendia mais nada. Porque, aquelles mesmos que antes eram irmãos, que juntos combateram mezes, aquelles que quando se encontravam eram acolhidos com alegria, que dividiam a comida nos bivaques, que até dormiam debaixo das mesmas tendas, tinham-se tornado os peiores inimigos?!

A pergunta apresentava-se inutilmente no cerebro de Savo sem obter resposta.

Emquanto durava a guerra com os turcos, Savo sentia a alegria dos encontros, não era ainda um pouco da sua vingança? Mas então...

Sem elle sentir, vinha-lhe a intuição de uma força obscura e formidavel, alguma coisa de monstruoso que dominava as massas de homens, ora unindo-os como irmãos, ora atirando-os como feras, uns em cima dos outros. Com o fatalismo proprio á sua alma de vagabundo, Savo, resignado, continuava a combater.

N'aquella alma primitiva renaschia a concepção dos antigos soldados de aventuras, indifferentes á bandeira sob a qual serviam. A guerra tornava-se um mistér no qual o homem procurando o meio de vida arriscava-se á morte. Na sua vida passada nas longas estradas, Savo muitas vezes tinha sentido a fome. Agora comia quasi todos os dias. Bastava-lhe isso.

Nítidamente, d'um traço, o espirito fez-lhe reviver o ultimo periodo de vida percorrido. Eram dias e dias em que o exercito bulgaro ás vezes vencedor, outras vezes vencido se retirava. Refazia o mesmo caminho que nos primeiros mezes tinha saudado com cantos de victoria e semeado de mortos, e sobre os homens curvados, pesava infinitivamente o incubo da derrota, a raiva atroz do sacrificio enorme feito inutilmente. Somente a mèsse da monte ficava immutavel.

Achava-se com cinco ou seis companheiros na extrema direita de uma columna em retirada! Patrulha avançada encarregada de vigiar os movimentos do exercito servio perseguido.

Um silencio pesado, profundo cercava-o, o

denso tapete gelado extingua o rumos dos passos das cavalgadas. Parecia que a natureza soletaria dormia, inteirada no seu manto invernal.

De improvizo, fulminante surgiu a cilada. Tinham quasi chegado á orla de um bosquecinho de arvores, quando de repente estourou violento, furioso o crepitar da descarga. Um homem cahiu, outro com um berro de raiva, sem se servir do mosquete que pendia do sellim lançaram-se adiante, o alfange levantado alto. O inimigo não tinha esperado o ataque. A patrulha, que tinha rompido o fogo, uma dezena de servios em avancada descoberta, já tinha atacado os bulgares. O encontro tinha sido breve, furioso. Savo recordava-se de ter dado um golpe sobre um cavalleiro que o tinha atacado. Foi rapido, quando percebeu que o inimigo cahia, uma dor terrivel dilacerava-lhe as visceras, o cavallo cahiu e elle rolou por terra.

Vagamente recordava-se ainda um galope de grandes sombras negras que se perseguiam através a grande planicie negra. Depois fez-se a escuridão. Tinha perdido os sentidos.

Emquanto Savo recordava este ultimo episodio, o coração insensivelmente se lhe abria a um sentimento extranho para elle. Sentia-se só, atrozmente só. Era a segunda vez que esse desusado sentimento lhe invadia o coração e a sua alma de solitario.

Pela primeira vez, na noite em que perdera a sua companheira e agora, que sentia perto a morte, o instinctivo laço que une á humanidade, retomava mais forte o seu direito.

Com um olhar desesperado, olhou em roda d'elle. Estava só, completamente só... Não. Sobre a neve, a poucos metros de distancia, distinguia uma massa obscura que ainda não observára. Então, tornou a pensar no inimigo cahido no mesmo tempo. Devia ser elle. Si não estivesse morto? Si só estivesse ferido? Com toda a alma, Savo apegou-se áquelle vislumbre de esperanza.

Mau grado a horrivel dor no flanco que todo movimento lhe augmentava, Savo, ajudando-se com os joelhos e com as mãos, procurou chegar perto do outro cahido. Uma dezena de metros se tanto separavam-n'o d'elle, mas, aquelle breve caminho pareceu-lhe eterno.

Foi obrigado por duas vezes a descanear tanto se sentia acabado. Quando conseguiu approximar-se ficou immovel um momento, antes de poder emprehender algum novo movimento. Quando lhe foi possivel, levantou-se e olhou o homem em face.

A ferida era horrivel.

O golpe de alfange tinha-lhe cortado uma orelha, depois dilacerara a face e mais abaixo atacára profundamente o hombro. Savo levantou o ferido. Um tenue suspiro como um sópro



sabiu dos seus lábios e um vos debê, como se viesse de longe, de muito longe, murmurou:

—Tenho sede.

Savo teve uma alegria imensa; um unico pensamento lhe invadiu a alma fazendo desaparecer todos os outros, como o que deve sentir o naufrago que, na noite, quando já as forças o abandonavam, sente de improviso o contacto d'um taboa de salvação. O inimigo vivia, logo Savo não estava inteiramente só. Procurou no cinturão. Achou o cantil. Elle continha ainda alguns goles de "take".

Sem calcular por um momento, que aquella pequena porção de liquido representava para si proprio, a salvação, desenvolveu o resipiente e, lentamente, derramou o conteúdo entre os lábios do ferido.

Sob a influencia do alcool, este pareceu reanimar-se, reabriu os olhos e desta vez, com voz quasi distincta, murmurou:

Obrigado, irmão.

Os olhos, agora abertos do ferido fixaram-se attentamente em Savo, com uma expressão attonita em que a duvida se misturava com a surpresa do reconhecimento.

A voz pronunciou:

—E's tu, Savo?

Savo teve um sobresalto. O homem que elle tinha ferido, talvez de morte, que tambem o tinha procurado matar, o conhecia?

Curvou-se ainda mais para o ferido, a procurar uma semelhança, mas não conseguiu.

O ferido comprehendeu e á pergunta do companheiro respondeu com um nome:

—Mirko Antonevich.

Mirko Antonevich; agora a luz fazia-se para Savo. Tinham-se casualmente conhecido sobre a linha de Tcharkidja, o seu esquadrão tendo acampado ao lado do esquadrão servio a que pertencia Mirko. O caso tinha feito com que durante um mez partilhassem da mesma tenda e quando uma febre violenta immobilizara-o por quasi uma semana, Mirko tinha ficado a cural-o.

Era o unico amigo que havia encontrado nos longos mezes de campanha e talvez mesmo durante a vida. E agora, a fatalidade obscura tinha-os tirado um contra o outro.

Conhecidos d'um momento a grande tormenta os separára para afra-os unidos de novô ás portas da morte.

Mirko recommençou a falar:

—Agora me reconheces, obrigado, irmão, soffro tanto.

Savo procurando ouvir o moribundo e elle dir-se tambem, repetia:

—Coragem, coragem, a tua ferida não é grave...

—Não, sinto-o, vou morrer. O golpe foi certo. E tu, Savo, estás ferido?

—Sim, tenho no fianco uma dor aguda.

# Fabrica Favorita

PRAÇA DO MERCADO N.º 123 a 131 — Teleph. 2552

End. Teleg. "FAVORITA"

Cod. usados "Ribeiro" e Particulares

RECIFE

PERNAMBUCO

Premiada na Exposição Geral de Pernambuco com medalha e premio de merito.

Fabrico fino de "bombons e caramelos" e especialidades em "recheados de fructas".

## J. Fragoso de Medeiros

sua lâmina dev. ter penetrado profundamente.

—Coragem, irmão, tu te salvarás. A nossa vanguarda não está longe. Então eu já estarei morto, mas tu serás visto, apanhado e te salvarão.

A voz de Mirko enfraquecia. A acção do álcool tinha sido apenas passageira: um pouco de azeite na lampada da vida que vacillava antes de extinguir-se. A respiração já era interrompida, sibilante. De repente o moribundo teve um acesso de suffocação e o sobresalto trouxe-lhe aos lábios um pouco de escuma vermelha.

Savo apertou a dor aguda que lhe Produzia a ferida, conseguiu passar um braço debaixo da cabeça do companheiro. Esta nova posição pareceu alliviar-o um pouco e elle então tornou a falar:

—Obrigado, irmão. Tudo é inútil de ora em diante. Sinto que a vida vai-se: vou morrer. E ainda esperava viver um pouco. Escapei tantas vezes e agora que a guerra está para acabar, esperava poder voltar lá em baixo, á minha casa. Deus não quíz. Na minha aldeia Mariuska continuará a esperar-me e não me verá mais. E o meu pequeno Vanko? Qando o deixei não falava ainda, agora Mariuska lhe terá ensinado a chamar papai. E chamará papai em vão!...

O moribundo calou-se, como se no momento de deixar a vida, quizesse concentrar o resto das suas forças no pensamento de alguma coisa case dos seus olhos e descendo lentamente fazia um traço que deixava. Uma grossa lagrima desprendeu traço mais claro sobre o rosto sujo de terra e de sangue. O moribundo chorava.

Na alma de Savo nascia um sentimento novo, immenso, que lhe apertava a garganta quasi a suffocai-o.

Um sentimento no mesmo tempo doce a doloroso, sentia nascer no coração a ideia de fraternisação com a qual nunca tinha sonhado. Elle, que na sua vida só tivera um unico sentimento violento, o odio, tinha agora a revelação de alguma coisa de opposto. O pária, o solitario, sentia a existencia da união das dôres e das alegrias. Não era talvez este sentimento que fazia com que elle desejasse dar o que lhe restava de vida, para saber que Mirko seria salvo.

E afinal o que era d'elle. Um desconhecido, ou quasi, aquelle que o tinha ferido e que tambem elle queria matar. O mysterio dos seus pensamentos suffocava Savo: sentia mas não podia analysar. E o homem duro, selvagem e implacavel, pôz-se a chorar pela primeira vez na sua vida.

Mirko agora olhava-o de novo e com voz entrecortada, debil, dizia-lhe:

—Não chora, irmão. Si morro não é tua culpa, não é nossa. A fatalidade o quiz e o homem

é nullo em face do destino. Sómente quando eu morrer pensa alguma vez em mim!...

O moribundo calou-se outra vez e depois continuou com um fio de voz:

—Promette-me só uma coisa. Quando a guerra estiver acabada, vai á pequena aldeia de H... nas margens do Danubio. A cem metros da aldeia ha uma casa, reconhece-a-lás por causa de uma grande pereira que se cobre de flores em todas as primaveras... entra... vê... ha uma moça e bella, com um pequenito brincando no chão. Diz-lhe que foi Mirko quem te mandou. Não lhe diz logo que morri, Mariuska choraria muito, demais. Ieto lhe dirás mais tarde, não lhe contes a nossa luta, diz só que eramos amigos. Serve de pai ao pequenito... e pensa em mim... morro...

Mirko teve um estremeçimento, os olhos se arregalaram, e cahiu. Savo procurou, em vão, sustentá-lo, chamou-o.

O corpo não se moveu, Mirko estava morto. Savo então, lentamente fechou-lhe os olhos e depoz-lhe um beijo sobre a fronte, murmurando:

—Adeus, irmão!...

Estendeu-se ao lado do cadaver e esperou. Um tórpor invencivel invadia-o. Experimentou insensivelmente um sentimento extranho. Ao frio que até então o fazia tanto soffrer succedia uma sensação quasi de tepidez e de quietude. O espirito povoava-se-lhe de figuras extranhas. De uma vez pareceu-lhe ver um pequena casa, de madeira, uma grande pereira em flor. A' porta, uma moça com uma criança, nos braços, e o pequenito ajudava-o com as mãos-lhas chamando-o: "Papai, papai..." depois era uma interminavel estrada, que subia, subia, depois... mais nada.

De manhã, um official do batalhão servio, do exercito invasor, passando por lá, parou o cavallo e achou os cadaveres dos dois homens estreitamente abraçados.

Coisa estranha, um trazia o uniforme bulgare, o outro o dos servios. O frio tinha de tal maneira endurecido os membros dos dois mortos, que tornou-se impossivel separá-os.

Uma unica cova foi aberta e os dois inimigos sepultados juntos.

Um soldado arrancou de uma arvore perto, dois galhos, ligou-os juntos fazendo com elles uma cruz e enterrou-a sobre o tumulo improvisado. Um pelotão apresentando as armas prestou as ultimas honras e o batalhão continuo a marcha.

E no entanto, ao longe, lembrando as badaladas de um monstruoso sino, dobrando a flancados, o canhão começava a ribombar.



# PINTO DE ALMEIDA & Cia.

---

Av. Marquez de Olinda, 222

(PRIMEIRO ANDAR)

Representações e conta propria

## Madeiras do Pará e Amazonas

STOCK PERMANENTE DE ARTIGOS DE ELECTRICI-  
DADE, FERRAGENS E MADEIRAS

\*\*\*\*\*

End. teleg. ALMOTA

\*\*\*\*\*

TELEPHONE 1907 - CAIXA POSTAL 285

PROPRIETARIOS DE CERAMICA INDUSTRIAL

DO CABO — Pernambuco

FABRICA DE CANOS DE BARRO PARA

SANEAMENTO TIJOLLOS REFRACTARIOS E

MATERIAL SANTARIO

---

RECIFE

PERNAMBUCO



## REMORSO

Beirando a mata virgem em linha sinuosa, apertada entre dois serros, procurando as planícies, reforçando-se entre os rochedos em curvas apertadas que se alinham e tomam a mesma direcção formando uma recta perfeita, estende-se a longa estrada do Silvado que já, bem ao longe, se quebrada d'um outeiro é sombreada pelas Palmeiras da Morte.

Alli, sob aquelle amontoado de arvores gigantes existia uma casa que o fogo destruiu, deixando apenas erectos e firmes como marcos evocativos, quatro esteios de madeira ennegrecida, já carcomidos e descarnados, apenas no cernê, voltados para cima, apontado os Ceus... Pelo chão, sobre o velho madeiramento apodrecido, setos e disformes, negros pelo fumo d'um incêndio, empilham-se os tijolos em montículos irregulares e sobre estes escombros, brilhando ás luzes, espalham-se multicores fragmentos de louças e de vidros...

Aquellas ruínas rememoram o enredo d'uma vida sentimental do antigo senhor d'aquellas serras...

João Silvado, antigo feitor d'uma rica fazenda, depois da abolição, levantou alli, naquello sitio pittoresco, a sua vivenda. Sua companheira, uma formosa mestiça de olhos negros e cabellos corchos, rodeava-lhe um grande grupo de admiradores cada qual mais tenro e mais platonico por quem nenhum d'entre elles se aventurava a um galanteio mais ousado, o cume d'aquelle sertanejo rude era um odio de morte. Viveu assim aquelle casal durante muitos annos a vida feliz dos camponeses; a sua casa sempre foi o principal ponto de reunião do logarejo e por alli não passava um viandante dos serros do Silvado que não viesse procurar um agasalho sob o seu tecto hospitaleiro. Era com uma desconfiança doentia que João Silvado recebia os seus amigos. Um dia, elle appareceu a todos muito triste e retrahido, e, no silencio daquella dôr deixou transparecer a inquietude de seu espirito, sempre alerta, sempre vigilante. Minava-lhe a alma um rancoroso ciume que o torturava, que o constringia em afflicções doiradas, que o levou a desconfiar da companheira... O delirio da imaginação já doentia levou-o ao extremo; parecia-lhe ver, horas caladas da noite, figuras mysteriosas, vultos que circundavam a sua casa. Pretextando uma viagem ausentou-se por alguns dias refugiando-se no serro visinho, e lá ficava horas e horas a vigiar a casa, a espreitar a companheira...

Numa noite, numa linda noite de lua cheia, João abraçado a carabina, alcandorado nos altos ramos d'uma velha acueira, sismava cahimbando

grossas beforadas que se esvoaçavam lentas... As cousas revelavam, atravez da embaçada claridade, vagas figuras espectraes que pareciam viver, tinham gestos e vozes, vozes que se perdiam além misturando-se ao chiuar de aves agoirentas...

Lento, um vulto erradio, todo envolto num sudario branco, atravessa o terreiro do sitio... João, tremulo, os olhos esbugalhados, a face congestionada numa sensação de horror, sentiu viva aquella sombra... fitou-a, fitou-a demoradamente, depois, num gesto rapido engalhou a arma e o som aspero d'um tiro ecoou cavando o silencio pela mata inteira...

No terreiro, distendido sobre o lagado frio, tinto de sangue ainda quente, arquejava o corpo de sua fiel companheira...

Num gesto de pavor recuou indeciso... a voz fraca, debil e arfante de dôr, da esposa chamou-o para junto de si, perdoou-lhe o crime... Sombras mysteriosas pareciam rodear o cadaver... O sertanejo allucinado, na anela d'uma vingança de si mesmo, ateiou o fogo na sua propria casa. Que bailado alegre de chamma!... No alto pairavam almas libertas, e o crepitar da lenha no clarão deslumbrante das labaredas espalhavam o terror pela floresta inteira... o sertanejo louco, a cabeça voltada para cima, os cabellos ericados, os braços abertos, atirados para o espaço, gritava harrisado, só o Echo respondia, eram as cousas reagindo a sua voz...

Então, em noites de luar ninguem passa pela estrada do Silvado sem ver, á sombra das Palmeiras da Morte, já velho e vacillante sob o peso dos annos, a alma corroída pelo remorso, sentado sobre um monticulo de tijolos, a figura desgrenhada de João Silvado dedilhando o teclado velho d'uma velha sanfona a que elle comunica a profunda dôr da sua alma... O instrumento imprensado entre as suas mãos ressequidas e aspera, afrouxa sanfonando as notas... as lambeas soltas, enferrujadas, retorcidas, partem-se ao sopro violento e irregular do folles. E naquelle teclado, disconjuntado e disforme, onde outróra dedilhara canções amorosas, elle esmaga'ha as notas fanhoses das articulações desgongadas que rangem tensas, quebradas, desfazendo-se na ferrugem... e os sons plangentes e compridos de alguma lambea que ainda vibra, sobem pelos espaços cavando o silencio como um gemido prolongado triste que se distende e se espalha pela immensidão enlurrada do espaço...

Então, o assassino, na dôr cruciante do remorso, sente aquella musica de sons estranhos que se crystallisam em sua alma... e com os olhos injectados de sangue, esbugalhados e tristes, quebrados e líquidos, perdidos na lua, queda-se immovel como uma esphynges consumida pelo seu proprio enigma...

ALVARO SODRE

# Saboaria Parahybana

## Seixas Irmãos & Cia.

— Parahyba do Norte —

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellent qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme produção

Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores, porque conservam authenticos; até o final, os perfumes nelles empregados

E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Mediciaes  
 Recommendamos ás exmas. familias as seguintes marcas de sabonetes perfumados:

**FELIPE'A** — O idéal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francez, aroma sem rival.

**EPITACIO PESSOA** — Perfume agradabilissimo.

**BILLA** — Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

**GENTLEMAN** — Sabonete finissimo, de grande reputação.

**SANDALO** — Sabonete grande, redondo, perfume Lavander, concentrado e muito aromatico.

**ANGELITA** — Perfume rosa, extra-fino, fabrico esmerado.

**ORCHIDE'A** — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

**SEIXAS** — Perfume Flór do Brasil é um sabonete que se impoz pela sua optima qualidade, comparada no seu diminuto preço.

**SONHO DAS NYMPHAS** — Reclame da Fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

**PRINCESS** — E' um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

**SANTAL** — E' um sabonete de

baixo preço; esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradável aroma, muito concentrado, prestando-se não só á maiz fina "toilette", como tambem para a barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

**SABÃO "JASPE,"** em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.

TEMOS EM DEPOSITO OS SEGUINTEs:

### SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos.

Alcitrão.....	10 00
Alcitrão e enxofre.....	10 00
Alcitrão e ichtyol.....	5 00
Enxofre.....	10 00
Ichtyol.....	1 00
Sublimado.....	1 00
Sublimado e ichtyol.....	1 00
Araroba.....	1 00
Araroba e ichtyol.....	1 00
Sublimado e resoreina.....	1 00
Phenicado.....	2 00
Lysol.....	4 00
Boricado.....	5 00
Sulphuroso.....	5 00
Sulphuroso e phenicado.....	6 00
Creollina.....	5 00

### RECOMMENDAMOS:

**SABÃO "PROTECTOR,"** higienico, carbolico, optimo desinfecante, não prejudica a pelle.



Empresa Moderna de Reclamo

---

DE

**M. Cavalcante & Cia.**

---

Rua do Livramento, 47 — RECIFE

---

Concessionarios exclusivos de  
anuncios nos gradis das  
arvores da cidade

Rio Branco e M. de Olinda

Quem nao annuncia **Vende Pouco!!!**

Quem annuncia **Vende Muito!!!**

**Eis uma verdade incontestavel**



# A Casa "Tic-Tac"

sita á rua Nova, n. 260

GABARDINI FURTA-CORES, INGLEZA LEGITIMA. PARA TERNOS E CAPAS, SOB MEDIDAS.

BENGALLAS ALLEMÃES 200 MODELOS PARA ESCOLHER, A 25\$000 CADA UM.

COLLARINHOS DE GURGURÃO DE SEDA ULTIMA MODA A 8\$000.

PERFUMES DE COTY

---

Roupas de Casimira, "Palm-beach", smockings, e casacas, por preços sem competencia.

---

**Confecção garantida.**

Ribemboim & Irmão

---

Rua Nova n.º 260

# Joalheria Krause

CASA FUNDADA EM 1879

Telegrammas

Krauseeo

KRAUSE & Comp



Caixa postal 37

Telephone 424

\*\*\*\*\*  
RECIFE

Joias·Brilhantes·Perolas·Artigos para  
presentes·Prataria·Electroplate  
Objectos de arte·Relogios  
de Ouro Prata e Nickel

Rua 1.º de Marco, 34—Esquina rua 15 de Novembro

Filiaes; Pará—Maranhão—Rio de Janeiro, Ouvidor 152

## Terrenos em Boa Viagem

Vende-se 20 lotes de terrenos  
com 40 metros de largura  
e 30 de fundo

A tratar no escriptorio de

Wallace Ingham

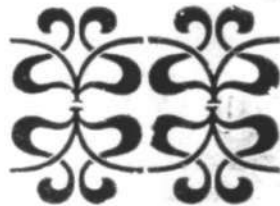
Rua do Bom Jesus, 244 — 2º andar

# GAZ - CALOR - HYGIENE

FISCALISE SUA COSINHA, USE GAZ

E REDUZA SUA CONTA DE COM-

BUSTIVEL PARA 50\$000 POR MEZ



Consumo de gaz para almoço, "five o' clock tea" e jantar por familia de 3 adultos e 3 creanças — 120 metros cubicos  
Abatimento de 30 % . . . . . 36 metros cubicos  
Consumo liquido . . . . . 84 metros cubicos

84 METROS CUBICOS A \$600 POR METRO 50\$400  
POR MEZ

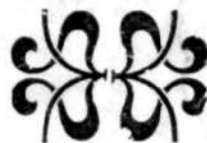
Fogões á venda e para aluguel na LOJA DO GAZ, á rua da Aurora, Esquina da rua Princeza Isabel.



Aquecedores de agua a gaz fornecem banhos mornos para epocha invernosá

UM CONFORTAVEL BANHO MORNO POR \$080

Pensae na commodidade destes aparelhos, sempre promptos a fornecer serviço hygienico e agradavel e sem perda de tempo DAE A' VOSSA CASA ESTES MODERNOS CONFORTOS, indispensaveis á completa felicidade do lar!



Installação, manutenção e demonstrações gratuitas



IDE A LOJA DO GAZ E EFFECTUAE VOSSO

CONTRACTO